

**FORMAÇÕES X-ÁRIO NO PORTUGUÊS NO BRASIL:
UM ESTUDO SOBRE A PRODUTIVIDADE LEXICAL**

por

MARIANA PEREIRA DE SOUZA

(Aluna do Curso de Mestrado em Língua Portuguesa,
Departamento de Letras Vernáculas)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victório Gonçalves (UFRJ).

Faculdade de Letras – UFRJ

1º semestre de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FORMAÇÕES X-ÁRIO NO PORTUGUÊS NO BRASIL:
UM ESTUDO SOBRE A PRODUTIVIDADE LEXICAL

por

MARIANA PEREIRA DE SOUZA

Departamento de Letras Vernáculas
Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2006

Souza, Mariana Pereira

Formações X-ário do português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical / Mariana Pereira de Souza, - Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

85f

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, 2006.

Referências bibliográficas: f.54-56

1. Morfologia derivacional. 2. Morfologia diacrônica. 3. -ário. 4. RFP.
5. RAE. I. Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. III. Título.

SINOPSE

Estudo derivacional das formas X-ário no português do Brasil a partir do modelo de Aronoff (1976) e de Basilio (1980). Análise dos grupos de afinidade morfo-sintático-semântica das construções em -ário, com vistas ao estabelecimento de Regras de Formação de Palavras (RFPs) e Regras de Análise Estrutural (RAEs). Contraste entre as formas X-eiro e as formas X-ário. Estudo histórico de -ário e extensões de significado do sufixo, tendo em vista a convivência com -eiro.

RESUMO

SOUZA, Mariana Pereira. *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Mimeo.

Nesta dissertação, desenvolve-se um estudo derivacional das formas X-ário no português do Brasil a partir do modelo de Aronoff (1976) e Basilio (1980). Os dados em -ário foram distribuídos por grupos de afinidade morfo-sintático-semântica, com vistas ao estabelecimento de Regras de Formação de Palavras (RFPs) e Regras de Análise de Estrutura (RAEs). Outro aspecto abordado no trabalho é o contraste das formas X-eiro com as formas X-ário, utilizando, para tanto, a Morfologia Diacrônica (Joseph, 1998). Procuramos mostrar, a partir do estudo histórico de -ário, as extensões de significado do sufixo, tendo em vista a convivência com -eiro.

ABSTRACT

SOUZA, Mariana Pereira. *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Mimeo.

In this dissertation, we develop a derivational X-ário forms in Brazilian Portuguese study according to Aronoff's (1976) and Basilio (1980) model. -ário data had been distributed second affinity groups morpho-syntactic-semantic, aiming to establish Words Formation Rules and Structural Analysis Rules. Another aspect approached is the differences between X-eiro and X-ário forms, using Diachronic Morphology (Joseph, 1998). We are looking forward to prove, starting at -ário historic study, that this suffix includes a lot of meanings, considering the coexistence with -eiro suffix.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que me deu força nos momentos em que pensei em desistir.

A meus pais, pela confiança que sempre em mim depositaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Carlos Alexandre Gonçalves, pela excelente orientação, sempre competente e, sobretudo, amiga.

Ao CNPq pela concessão de bolsa auxílio, de fundamental importância para a realização da pesquisa.

A Tatiana, Alex e Luiz pela amizade e pela ajuda nos momentos difíceis.

A Julio, que sempre esteve ao meu lado nessa jornada, pelo amor, amizade e companheirismo.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.ASPECTOS TEÓRICOS	15
2.1.Morfologia derivacional: breve percurso histórico	15
2.1.1.Jackendoff e Aronoff	16
2.1.2.Basílio	21
2.2. Morfologia diacrônica	23
2.2.1. Princípio da Analogia	24
3.ANÁLISE DERIVACIONAL DAS FORMAÇÕES X-ÁRIO	26
3.1.Conceito de base livre e base presa	27
3.2.Conceito de base concreta e base abstrata	28
3.3.Delimitação dos grupos de afinidade semântica	29
3.3.1.Grupo produtivo: Locativo	32
3.3.2.Grupos improdutivos	35
3.3.2.1.Agente profissional	35
3.3.2.2.Agente circunstancial	38
3.3.2.2.1. Agentes profissional e circunstancial: mesmo grupo ou grupos distintos?	40
3.3.2.3.Objeto	43
3.3.2.4.Adjetivo	44
3.3.2.5.Beneficiário	45
3.3.2.6.Classificador zoológico	47
4.ANÁLISE DIACRÔNICA DAS FORMAÇÕES X-ÁRIO	50

4.1. Formações X-ário: do latim ao português arcaico	51
4.2. O ingresso do sufixo -ário no português	54
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
7.APÊNDICE	68

1 – INTRODUÇÃO

Dentro do escopo da Morfologia Derivacional, este trabalho pretende desenvolver um estudo sobre as formas X-ário e sua produtividade no português no Brasil, a partir do modelo de Aronoff (1976) e Basilio (1980). Apresenta também como objetivo a confrontação desse sufixo com as construções do tipo X-eiro, a fim de que se possa perceber sua extensão e especialização de significados face à convivência com -eiro.

Para a análise da produtividade do sufixo -ário, os dados serão distribuídos por grupos de afinidade morfo-sintático-semântica, com vistas ao estabelecimento de Regras de Formação de Palavras e Regras de Análise de Estrutura (RFPs e RAEs, conforme Aronoff, 1976, e Basilio, 1980, respectivamente) envolvidas no processo de formação de palavras do tipo X-ário.

Já para a realização de um confronto com o sufixo -eiro, será utilizada a Morfologia Diacrônica (Joseph, 1998). Para tanto, serão utilizados dicionários etimológicos, a fim de obter dados históricos a partir dos quais se possa detectar o comportamento das formas X-ário ao longo dos séculos.

A comparação entre esses dois sufixos foi motivada pelo fato de serem continuações históricas de um mesmo sufixo latino: -ariu(m). Além disso, o interesse por realizar esse confronto é ainda mais aguçado pelo fato de, apesar de

serem ambos originados do mesmo étimo latino, -ário ter desaparecido da língua no período histórico tradicionalmente conhecido como português arcaico (séculos XII – XV). Assim, poderá ser investigado como esse sufixo foi introduzido no português, visto que, em textos dos séculos XII e XIII, como *A Demanda do Santo Graal*, *Testamento de D. Afonso II* e *O Livro das Aves*, observou-se um grande número de palavras com o formativo -eiro e nenhuma ocorrência de X-ário (cf. Marinho, 2000).

A fim de alcançar os objetivos acima apresentados, será realizada pesquisa empírica com dados coletados de fontes diversas (jornais, revistas, dicionários e outros), de maneira assistemática, podendo fazer parte do *corpus* toda manifestação oral e/ou escrita em que o formativo -ário seja utilizado. Grande parte dos dados já foi rastreada em pesquisas anteriores sobre as formas X-eiro – Nogueira (2003) e Damulakis (2003).

O estudo das formações X-ário conduziu à fundamentação da pesquisa por meio de dois enfoques teóricos:

8.a Morfologia Diacrônica (Joseph, 1998); e

9.a Morfologia Derivacional de base gerativa (Aronoff, 1976 e Basilio, 1980).

Conforme já dito, a Morfologia Diacrônica fundamenta os estudos históricos relativos ao processo de formação de palavras com -ário. Baseia-se na Morfologia Derivacional o estudo referente à distribuição dos dados em grupos semântico-sintáticos, bem como à determinação das RFPs e RAEs correspondentes.

Este trabalho segue a linha de pesquisa referente aos agentivos denominais em português (Gonçalves, 2000) e se baseia sobretudo nos estudos de Marinho (2004), que analisou o sufixo -eiro, e de Rondinini (2004), cujo objeto de trabalho foram as construções X-ólogo e X-ógrafo.

No Capítulo 2, iremos analisar brevemente as teorias em que se fundamentou nossa pesquisa. Assim, será feito um pequeno percurso histórico no qual passaremos por Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Basilio (1980), autores que representam importante papel para a morfologia derivacional. Também serão abordados a morfologia diacrônica/histórica, representada sobretudo por Joseph (1998), bem como o Princípio da Analogia (PA).

Analisaremos, no Capítulo 3, a produtividade lexical do formativo -ário. Para tanto, será realizada divisão dos dados por grupos de afinidades, que constituem um total de 7: locativo, agente profissional, agente circunstancial, objeto, adjetivo, beneficiário e classificador zoológico. Desse modo, será possível o estabelecimento de Regras de Formação de Palavras e Regras de Análise Estrutural e, a partir daí, poderemos distribuir os grupos em produtivos e improdutivos.

No Capítulo 4, seção da dissertação referente aos aspectos diacrônicos, procuraremos obter dados históricos a partir dos quais se possa detectar o comportamento das formas X-ário ao longo dos séculos. Desse modo, também poderemos contrastar as construções X-eiro com as formas X-ário, afim de que

possamos mostrar, a partir do estudo histórico de -ário, as extensões de significado do sufixo, tendo em vista a convivência com -eiro.

Por fim, no Capítulo 5, encerraremos este estudo, apresentando as conclusões depreendidas a partir dos resultados da pesquisa realizada, ao longo dos Capítulos 3 e 4.

Assim, buscamos apresentar uma análise atualizada das construções X-ário, de maneira que possamos contribuir com os estudos sobre a produtividade lexical, de uma forma geral, e sobre os agentivos denominais do português, mais especificamente.

2 – ASPECTOS TEÓRICOS

Este trabalho se fundamenta em duas vertentes lingüísticas: na morfologia derivacional, de base gerativa e concebida sobretudo por Aronoff (1976) e Basilio (1980), e na morfologia histórica/diacrônica, baseada nos estudos de Joseph (1998).

Tomando como base a morfologia derivacional, pretende-se separar os dados da dissertação em grupos de afinidades morfo-sintático-semânticas, a fim de que possamos aplicar Regras de Formação de Palavras (Aronoff, 1976) e Regras de Análise Estrutural (Basilio, 1980). Desse modo, será possível estabelecer quais grupos formados pelo sufixo -ário são produtivos e quais são improdutivos.

Já a morfologia diacrônica inspirará uma comparação com o sufixo -eiro, “irmão-rival” de -ário, visto que ambos derivam do mesmo sufixo latino: -ariu(m). Será possível, então, perceber a extensão e a especialização de sentido de -ário na convivência histórica com o sufixo concorrente.

2.1 – Morfologia derivacional: breve percurso histórico

É a partir da publicação de *Remarks on Nominalization*, de Chomsky, que o léxico adquire um lugar autônomo na gramática, visto que até em então, no âmbito

do Gerativismo, os estudos morfológicos haviam sido postos em segundo plano. Daí, as portas se abriram para o surgimento de importantes trabalhos na área da morfologia. Alguns deles serão vistos de forma sucinta a seguir.

2.1.1 – Jackendoff e Aronoff

O modelo proposto por Jackendoff é de extrema relevância para a hipótese lexicalista. Isso porque o autor irá apresentar certas diferenças em relação aos modelos anteriores, sendo, por exemplo, diferente do sugerido por Chomsky (1970), por propor a teoria da entrada plena, e do Halle (1973), por se tratar de um modelo mais econômico.

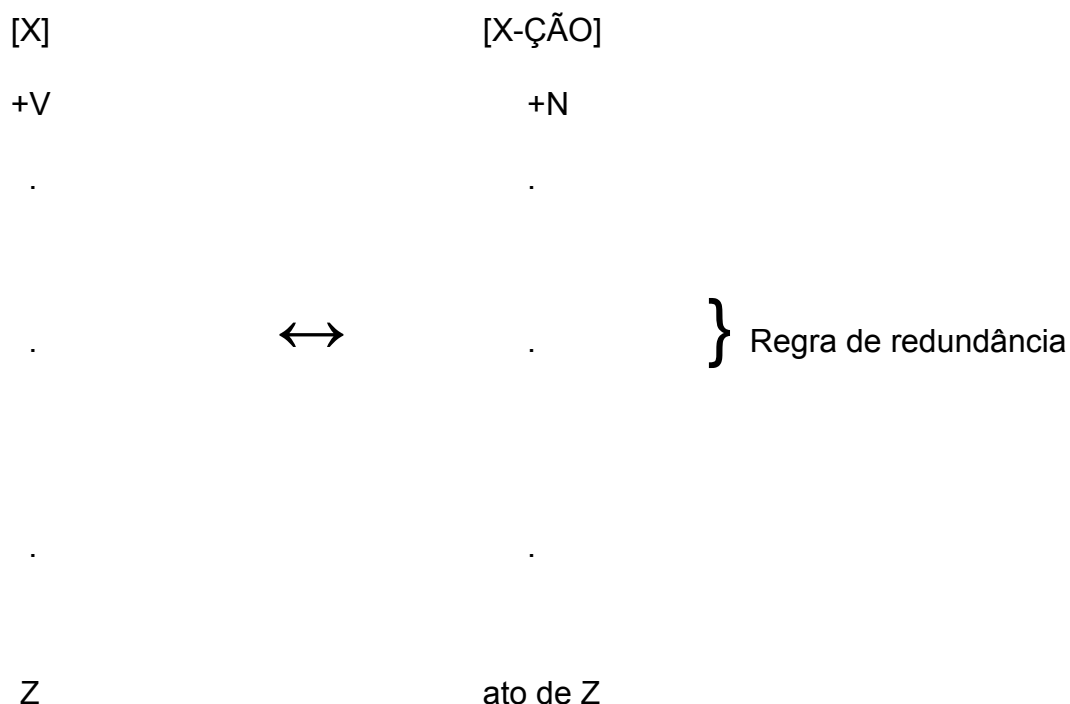
O que Jackendoff irá defender, em seu artigo “Morphological and Semantics Regularities in the Lexicon” (1975), é a construção de um modelo que leve em conta a relação dos itens lexicais. A essa idéia de relação, ele associa a de facilidade de aquisição do léxico. Em outras palavras, segundo sua proposta, quando um item é conhecido, torna-se mais fácil a aquisição de outro semelhante. Assim, o conhecimento do falante, por exemplo, da entrada lexical “decidir” facilitará a aquisição do item “decisão”.

Desse modo, define-se a Teoria da Entrada Plena, diferente da teoria da entrada única defendida por autores anteriores, como Chomsky. Segundo essa proposta, as entradas lexicais devem conter toda a informação fonológica, morfológica, sintática e semântica das unidades. As entradas plenas reintroduzem

no léxico as especificações de cada palavra com relação à categoria gramatical a que pertence. Ao mesmo tempo, essas entradas retiram as bifurcações que correspondiam, na hipótese lexicalista, às especificações sintático-semânticas relacionadas aos termos redundantes. Assim sendo, palavras como “sair” e “saída” deixam de pertencer à mesma entrada lexical e passam a figurar em entradas diferentes.

As entradas plenas, propostas em Jackendoff, causam ao léxico o risco de se tornar outra vez uma simples lista não-ordenada de palavras, conforme descrito em Chomsky. Para se assegurar de que isso não acontecesse, Jackendoff apresenta um mecanismo que relaciona entradas lexicais, ampliando a noção de redundância. Tal mecanismo é denominado Regra de Redundância Lexical e pode ser visto em (1).

(1)



Percebe-se, assim, que a internalização do esquema acima facilita a aquisição de novas palavras pelo falante. Desse modo, formas como “contribuir” e “contribuição” constituem entradas lexicais separadas, relacionadas por regras de redundância. Porém, visto que em nominalizações o sentido das formas nominalizadas não depende do sufixo utilizado na composição de palavras derivadas, Jackendoff propõe uma separação entre as regras de redundância morfológica e semântica. Isso porque, por exemplo, X-ção não necessariamente veicula o significado “ato de Z”, podendo significar também resultado, evento etc.

Portanto, tem-se que a proposta de Jackendoff é dissociacionista. Como exemplos que contribuem para o dissociacionismo, podem-se citar também formas como “conduzir”, “traduzir”, “produzir” etc., em que há um reconhecimento morfológico da raiz *duz*, porém não o semântico, e alguns compostos como “pé-de-moleque” e “amor-prefeito”, em que seu significado global não corresponde ao dos elementos formadores.

Já a proposta de Aronoff (1976), apresentada no livro *Word Formation in Generative Grammar*, tem como foco a questão da produtividade lexical¹. A partir desse estudo, o léxico não é mais tomado como um conjunto pronto e processado, mas como um conjunto potencial de formas. Desse modo, incluem-se, ao mesmo tempo, as palavras que já existem e as que poderão existir por força da

¹ Neste trabalho, lidamos com a questão da produtividade da seguinte maneira: entendemos como produtiva uma operação morfológica que seja responsável pela formação de uma palavra considerada recente, ou seja, de ingresso na língua nos últimos 30/40 anos. Outro fato que levamos em conta para considerar um grupo produtivo foi a listagem das formas nos dicionários utilizados para consulta.

criatividade do falante. Por meio do conceito de produtividade lexical, Aronoff permite que as regras morfológicas passem a ser tratadas como as regras da sintaxe, sendo empregadas tanto para interpretar, como para criar.

Ao desenvolver sua proposta, Aronoff apresenta uma morfologia de base vocabular: palavras só podem ser formadas a partir de palavras, ou seja, um elemento mórfico só pode se juntar a uma palavra que já exista na língua. Para tanto, serão utilizadas as Regras de Formação de Palavras (RFPs), que especificam o conjunto de palavras em que pode operar. Uma RFP pode ser esquematizada da seguinte maneira:

$$(2) \quad [X]_y \rightarrow [[X]_y W]_z$$

Em (2), X representa o *input* da formação e y, a classe lexical a que pertence. Do lado direito da seta, W constitui o formativo que se afixa a X, e z, a categoria lexical do produto.

No entanto, a premissa de Aronoff, de que palavras só podem ser formadas a partir de palavras, mostra-se com problemas quando se trata de uma base presa, que não constitui uma palavra na língua. Para resolver o problema, então, ele propõe um mecanismo *ad hoc* que tenta explicar esse fenômeno: a Regra de Truncamento, formalizada em (3).

(3) [[raiz + A]_x B]_y → 1 0 3

1 2 3

Consoante essa regra, haveria cancelamento de morfemas. Assim, uma forma como “carpinteiro”, por exemplo, que possui base presa, seria derivada de “carpintaria” com a adição do sufixo -eiro. A seguir, o sufixo -aria sofreria um cancelamento, surgindo então a forma “carpinteiro”. Tal esquema é mais claramente mostrado em (4).

(4) [carpint + aria] eiro → 1 0 3 → carpintaria (cancelamento do item 2, -aria)

1 2 3

Há, também em Aronoff, uma ligação direta entre produtividade e listagem pela ação do bloqueio. Assim, segundo esse autor, o bloqueio é a não-ocorrência de uma forma devido à existência de outra com a mesma função que a teoricamente possível exerceria. Evidentemente, para que isso ocorra é necessário um conhecimento da lista de objetos que compõem o léxico. Desse modo, poderia ser prevista a construção da forma “roubador”, por exemplo, derivada de “roubar”. Entretanto, como já existe “ladrão”, tal forma não se

concretiza. Assim, em Aronoff, a competência lexical é ativa, visto que seu foco está na produtividade lexical, ou seja, no que pode surgir e no que não pode (daí a noção de bloqueio).

2.1.2 – Basilio

Basilio (1980) apresenta a produção lexical como um processo de aplicação de regras que é influenciado e retroalimentado pela lista já existente. A proposta da autora une a questão da redundância, observada em Jackendoff (1975), e da produtividade, defendida por Aronoff (1976).

Para tanto, ela irá propor dois tipos de regras lexicais: Regras de Formação de Palavras (RFPs) e Regras de Análise Estrutural (RAEs). Sua proposta procura dar solução para problemas que Jackendoff e Aronoff encontram, por tentarem tratar de questões do léxico sob óticas ou exclusivamente interpretativas (Jackendoff) ou exclusivamente produtivistas (Aronoff). Em sua argumentação, Basilio restringe as RAEs aos casos de processos improdutivo da língua, admitindo, assim, que as regras sejam aplicadas exclusivamente no esforço de interpretar palavras novas no léxico. Assim, ela irá afirmar que todas as Regras de Formação de Palavras têm contrapartes de análise estrutural, mas nem toda RAE tem um correspondente em RFP. Assim, tem-se o esquema (5):

(5) **RFP:** $[X]_y \rightarrow [[X]_y W]_z$

RAE: $[[X]_y W]_z$

A partir daí, podem-se identificar dois tipos distintos de regras morfológicas: (a) regras morfológicas improdutivas, empregadas apenas para interpretar palavras existentes e formadas por sufixos que não são mais usados para formar palavras novas, como por exemplo, no português, formações do tipo X-idão²; e (b) regras morfológicas produtivas, empregadas para interpretar palavras existentes e gerar palavras novas, como as construções com o sufixo -ista, entre outros. Daí resultam sufixos produtivos e sufixos improdutivos.

A importância do emprego de Regras de Análise Estrutural não está propriamente na relação que o falante pode estabelecer entre elas e as RFPs, durante a análise das palavras do léxico. O que mais interessa nessas regras é o fato de que elas têm existência independente das demais regras e podem ser utilizadas pelo falante, independentemente de isto resultar, ou não, numa associação entre RFP \Leftrightarrow RAE. Na medida em que as RAEs são usadas para estabelecer hipóteses acerca do valor morfológico e sintático de uma palavra, elas podem ser empregadas para interpretar palavras cujas bases não constam do léxico. Mais do que isso, também podem interferir nas Regras de Formação de Palavras,

² A caracterização de -idão como sufixo improdutivo foi revista por Basilio (2004).

permitindo-se gerar palavras a partir de processos absolutamente incomuns, se comparados às regras regulares de formação de palavras.

Vale observar que o emprego de Regras de Análise Estrutural demonstrou-se bastante interessante. Por um lado, tais regras provaram ser um recurso vantajoso para se tratar do léxico como uma parte da gramática que está sujeita a interferências do falante, e não como um conjunto fixo de palavras. Por outro, apresentam-se como um recurso eficaz no estabelecimento de critérios para se analisarem palavras cuja derivação é irregular na língua.

2.2 – Morfologia diacrônica

Nesta seção, enfocaremos a morfologia diacrônica, visto que ela fundamenta a abordagem histórica pertinente aos processos de formação das construções X-ário. Entende-se, assim, que a morfologia diacrônica/histórica analisa as mudanças morfológicas ocorridas na língua ao longo dos anos.

Segundo Joseph (1998), uma mudança morfológica abarca, além das mudanças sonoras e das realizações efetivas dos morfemas, os processos, operações e categorias pelos quais essas formas são expressas. Assim, podemos afirmar que as mudanças também podem ser encontradas em processos derivacionais, como, por exemplo, a alteração que o número e a natureza das entradas de morfemas podem sofrer, bem como o grau de produtividade apresentado por esse tipo de processo.

Como exemplo disso, tem-se o fato de que, entre os séculos XII a XV, o sufixo -ário não era de modo algum produtivo, ao passo que no século XIX era o extremo oposto, em virtude do grande surgimento de novas profissões durante a Revolução Francesa, conforme será visto no Capítulo 4 deste trabalho. Dessa maneira, podemos perceber que a produtividade de um morfema pode variar diacronicamente.

Além disso, ainda consoante Joseph (1998), as mudanças envolvem a avaliação destas por parte dos falantes, assim como sua adoção. Isso porque as tendências surgem sem que isso queira dizer que elas deverão obrigatoriamente ocorrer. Desse modo, as mudanças morfológicas costumam ser analisadas retrospectivamente, devendo-se observar suas ocorrências e fatos delas conseqüentes.

2.2.1 – Princípio da Analogia

No estudo das mudanças ocorridas em determinada língua, é importante também analisarmos a influência da analogia. Segundo Joseph (1998), há uma dimensão cognitiva em alguns processos de mudança morfológica, visto que estes envolvem falantes que realizam conexões entre construções já conhecidas – que irão servir de suporte para a formação de outra – e refazem constantemente a representação mental destas.

Basilio (1997) afirma que o Princípio da Analogia (PA) difere da Regra de Formação de Palavras (RFP). A autora argumenta que

se dizemos que micreiro é formado a partir de uma regra de adição de -eiro a substantivos, do mesmo modo podemos dizer que micreiro foi formado por analogia ao par, digamos, viola/violeiro. (op. cit., p. 10)

Assim, como não podem ser concebidas RFPs sem a existência prévia de formas relacionadas no léxico, estas estariam disponíveis para formações por PA. Desse modo, um produto de RFP poderia ser também entendido como formação analógica. No entanto, o oposto não ocorre, ou seja, não pode toda formação analógica ser analisada como produto de uma RFP. Isso porque, no processo analógico, existem mais possibilidades do que as contempladas pelas RFPs, na medida em que o primeiro dá conta não apenas da produtividade lexical, como também da criatividade. Segundo a autora, há casos em que o PA é mais adequado para a análise das construções, principalmente quando possuem valor retórico ou poético.

Assim, uma formação como 'enxadachim', encontrada em Guimarães Rosa, deve ser enquadrada como formação por PA (*espada:espadachim::enxada: x*), visto que não faz sentido estabelecer-se uma regra de adição de -chim a substantivos designadores de instrumento, até porque "enquanto regra não teria o poder de evocação que a formação analógica apresenta". (op. cit., p. 12)

Ao longo dos capítulos de análise, retomaremos algumas das questões teóricas ora apresentadas. Passemos, a seguir, ao estudo das formações X-ário com base na morfologia derivacional.

3 – ANÁLISE DERIVACIONAL DAS FORMAÇÕES X-ÁRIO

A fim de alcançar os objetivos apresentados na introdução, realizamos pesquisa empírica com dados coletados de fontes diversas (jornais, revistas, dicionários e outros), de maneira assistemática, fazendo parte do *corpus* toda manifestação oral e/ou escrita em que o formativo -ário foi utilizado. Grande parte dos dados já havia sido rastreada em pesquisas anteriores sobre as formas X-ário – Spinassé (2000), Nogueira (2003) e Damulakis (2003).

Coletados os dados, o passo seguinte foi separá-los por grupos de afinidade morfo-sintático-semântica. Desse modo, chegou-se a sete grupos de palavras constituídas pelo sufixo -ário³:

- (1)
- 1 - LOCATIVO
 - 2 - AGENTE PROFISSIONAL
 - 3 - AGENTE CIRCUNSTANCIAL
 - 4 - OBJETO
 - 5 - ADJETIVO
 - 6 - BENEFICIÁRIO
 - 7 – CLASSIFICADOR ZOOLOGICO

³ A lista completa dos dados coletados encontra-se no Apêndice deste trabalho.

Em seção posterior, iremos exemplificar os grupos, bem como detalhar as motivações que levaram a essa delimitação. Antes, porém, de partirmos para a análise dos dados propriamente dita, cabe estabelecermos brevemente alguns conceitos, como o de base (a) livre e presa e (b) concreta e abstrata.

3.1 – Conceito de base livre e base presa

Em virtude da necessidade de separarmos os dados em grupos de afinidades, mostrou-se necessário também analisarmos a natureza das bases das formações X-ário. Assim, convém delimitarmos o conceito de base livre e presa.

Iremos considerar como presas as bases que não têm livre curso na língua e que participam de construções morfológicamente complexas (cf. Rondinini, 2004), conforme pode ser visto em (2):

(2)	CALCÁRIO	AGRÁRIO
	APIÁRIO	OPERÁRIO
	VIGÁRIO	MUTUÁRIO
	PRECÁRIO	ECTOZOÁRIO

Observe-se que as bases do item (2) não possuem autonomia discursiva (cf. Bloomfield, 1933) e que algumas delas aparecem apenas em formações

complexas, não funcionando, portanto, como palavras na língua. Bases vinculadas a palavras – excetuando-se as que apresentam raízes *doublets*⁴ (Gonçalves, 2005) – foram caracterizadas como livres. Em (3), aparecem bases diretamente relacionadas a formas livres (primeira coluna) e formas X-ário com raízes *doublets* (segunda coluna), consideradas formas presas, tanto neste trabalho quanto no de Gonçalves (2005):

(3)

DOCUMENTÁRIO	URBANITÁRIO
SOLÁRIO	UTILITÁRIO
BIBLIOTECÁRIO	AQUÁRIO

3.2 – Conceito de base concreta e base abstrata

Para delimitarmos o conceito de base concreta e base abstrata, adotaremos a definição encontrada nas gramáticas tradicionais. Rocha Lima (2003), por exemplo, considera concreto o vocábulo que designa seres, reais ou não, com existência independente e que compreendem pessoas ('professora'), animais ('tigre'), objetos ('livro'), fenômenos ('vento'), concepções ('círculo') etc.

Já os vocábulos abstratos designam

⁴ De acordo com Gonçalves (2005), são consideradas *doublets* as formas que apresentam pequena alteração fonológica, como por exemplo água/aqua. Tal diferenciação formal resulta do uso de uma base latina substituindo, em palavra derivada, a base portuguesa correspondente.

nomes de qualidades, ações ou estados, umas e outros imaginados independentemente dos seres de que provêm, ou em que se manifestam. (p. 66)

Aplicando esse conceito às formações X-ário, podemos categorizar alguns dos exemplos mostrados em (4), da seguinte maneira:

(4)	BASE CONCRETA	BASE ABSTRATA
	documentário	usuário
	bicicletário	necessário
	minhocário	mandatário
	metroviário	arrendatário

3.3 – Delimitação dos grupos de afinidade semântica

Observada a natureza da base – tanto em seus aspectos formais como semânticos –, cumpre agora analisarmos os grupos de acordo com suas afinidades semânticas. Desse modo, será possível perceber que significados o sufixo -ário costumeiramente veicula.

Os grupos inicialmente pensados e inspirados em trabalhos anteriores (cf. Spinassé, 2000; Nogueira, 2003; Damulakis, 2003) foram os seguintes: objeto,

locativo, adjetivo, agente e classificador zoológico. Durante a análise do *corpus*, contudo, percebeu-se que no grupo *agente* existiam dados com características levemente distintas.

É nítido que tanto ‘operário’ como ‘estagiário’ designam agentes. Entretanto, pode ser percebida uma sutil diferença entre esses vocábulos. O primeiro nos remete à idéia de um profissional genérico, que quase sempre trabalha em indústrias. O segundo, por sua vez, não contém a idéia de profissão, por se tratar de uma situação em que temporariamente alguém se encontra.

Assim, percebeu-se a necessidade de se separar o grupo *agente* em *profissional* e *circunstancial*, pois o segundo representa atividades de caráter transitório, e não uma profissão propriamente dita.

Além disso, também pareceu necessária a inclusão do grupo *beneficiário* para dar conta, entre outras, das formações ‘locatário’ e ‘destinatário’, em que o sujeito possui um caráter mais passivo, ou seja, parece constituir o alvo da ação expressa pela base (e não o detonador).

Chega-se então a sete grupos de afinidade semântica, conforme exemplificado em (5):

(5)

I. OBJETO:

Calendário, diário, dicionário, fichário, formulário, glossário, lampadário, refratário.

II. ADJETIVO:

Alfandegário, cambiário, hereditário, lendário, literário, necessário, prioritário, solidário.

III. LOCATIVO:

Antiquário, aquário, armário, confessionário, fraldário, minhocário, planetário, vestiário.

IV. AGENTE PROFISSIONAL:

Aeroviário, bibliotecário, discotecário, empresário, ferroviário, operário, publicitário.

V. AGENTE CIRCUNSTANCIAL:

Adversário, estagiário, falsário, mesário, milionário, presidiário, universitário, voluntário.

VI. BENEFICIÁRIO:

Alugatário, comodatário, depositário, destinatário, indultário, locatário, testamentário.

VII. CLASSIFICADOR ZOLÓGICO:

Antozoário, cnidário, entozoário, metazoário, metazoário, parazoário, locustário.

Desses sete, um se mostrou produtivo, visto que apresenta formações de fato recentes (cf. Aronoff, 1976 e Basilio, 1980). Os outros seis foram considerados improdutivos por apresentarem nenhuma ou muito poucas construções novas, algumas das quais questionáveis, como é o caso dos agentes profissionais, conforme será visto adiante.

3.1.1 – Grupo produtivo: Locativo

Dos 38 dados encontrados para este grupo, 12 são formados por bases presas, ou seja, por formas que não apresentam autonomia discursiva, nos termos de Bloomfield (1933). Esse número representa aproximadamente 32% do total. Como exemplos de locativos com base presa, tem-se ‘antiquário’, ‘apiário’, ‘armário’ e ‘campanário’, entre outros.

Assim, percebe-se que a maioria dos locativos formados pelo sufixo -ário possui uma base livre. Além disso, pôde-se constatar que a base é predominantemente nominal e concreta, sendo o *output* categoricamente um substantivo. Eis alguns exemplos:

(6)	BICICLETÁRIO	CHOCOLATÁRIO
	FRALDÁRIO	HOSTIÁRIO
	MINHOCÁRIO	PLANETÁRIO
	RANÁRIO	SOLÁRIO

Neste grupo, o sufixo -ário pode se parafraseado como (a) “local onde se cria, cultiva ou se demonstra X”,⁵ conforme se vê em *apiário*, *aviário*, *aquário*; (b) “local onde se deposita ou se guarda X”, como *santuário*, *chocolatário*, *adubário*; (c) “local de agrupamento humano”, como *educandário*, *plenário*, *vestiário*; e (d) “local onde se demonstra X”, como *planetário*, *cenário*, *mostruário*.

Pôde-se constatar também a existência de algumas formações realmente novas no *corpus* analisado. Tal fato permite concluir que as construções do tipo X-ário são produtivas para esse grupo, conforme pode ser visto nos exemplos do item 7:⁶

(7)	ADUBÁRIO	CHOCOLATÁRIO
	MINHOCÁRIO	FRALDÁRIO
	INTERNETÁRIO	LIBELULÁRIO

Evidência concreta de que as formações em (7) são recentes é o fato de elas ainda não figurarem nos dicionários. Ao que tudo indica, o significado locativo mais produtivo é “local em que se cultiva X”, em que X faz referência a uma espécie, seja ela vegetal (orquídea) ou animal (inseto). Desse modo, há dois grandes indícios de que -ário é produtivo nessa acepção: (a) a predominância de

⁵ Entende-se X como aquilo que está especificado na base.

⁶ Note-se que algumas destas palavras ainda não figuram em dicionários, conforme atesta o Apêndice deste trabalho.

bases livres e (b) a existência de formações realmente recentes. Outro argumento em favor da produtividade de -ário locativo provém do trabalho de Piza (2005).

Em estudo sobre a distribuição dos sufixos agentivos denominais -eiro, -ário, -ista e -logo, Piza (2005) elaborou testes de aceitabilidade de formações potencialmente produzíveis. Em seu trabalho, a autora conclui que os informantes associaram construções como ‘disquetário’ e ‘sabonetário’, entre outras, a lugares – nunca a agentes –, o que evidencia que a terminação -ário está vinculada, em termos de competência lexical, a locativos.

Outro exemplo recentíssimo que confirma a produtividade do sufixo -ário como locativo foi registrado no programa *Fantástico*, de 05/03/2006. Uma reportagem abordava a situação nos “visitários”, locais onde pais que não possuem a guarda do filho se encontram com estes, por meio de uma visita monitorada. Tal forma, por se tratar de uma construção extremamente nova, ainda não possui registro em nossos dicionários.

Assim, posto que o grupo apresenta construções indiscutivelmente recentes, podemos propor a ele a seguinte RFP, amparados, ainda, nas evidências das testagens realizadas por Piza (2005):

$$(8) \quad [X]_s \rightarrow [[X]_s \text{ ário}]_s$$

“locativo de X”

A RFP em (8) pode ser entendida da seguinte maneira: a uma base substantiva, de natureza concreta, pode-se acrescentar o sufixo -ário, formando-se nova palavra substantiva, designadora de locativo. Assim, X é genericamente interpretado como objeto⁷, e a terminação -ário, associada a esse nome, remete a uma forma possível, em que o produto veicula a idéia de lugar.

A regra formulada em (8), por ser uma RFP, dá conta do fato de o falante não só poder formar novas palavras X-ário com a semântica especificada, como também de analisar a estrutura das já estocadas no léxico. Isso acontece porque, como ressaltamos no Capítulo 2, toda RFP tem uma contraparte estrutural (uma RAE). Assim, a competência lexical do falante é tanto ativa (pode gerar novas formas), quanto passiva (pode analisar a estrutura das já formadas).

3.3.2 – Grupos improdutivos

3.3.2.1 – Agente profissional

Após análise deste grupo, constata-se a existência de 21 palavras constituídas de base livre, num *corpus* de 26 palavras, o que representa cerca de 77% dos dados. ‘Boticário’, ‘comissário’, ‘operário’, ‘secretário’, ‘securitário’ e

⁷ Na análise de Piza (2005), que parte do trabalho de Almeida & Gonçalves (2004), ‘objeto’ é consubstanciado em (a) ente, (b) animais, (c) produtos e (d) espécies.

‘veterinário’ foram as palavras em que se observou a formação por meio de uma base presa ou de raiz *doublet*.

A maioria dos dados possui como *input* um substantivo concreto, sendo o *output* também substantivo. Para a análise das bases, tem-se o item (9):

(9)	BIBLIOTECÁRIO	BANCÁRIO
	DISCOTECÁRIO	EMPRESÁRIO
	INDUSTRIÁRIO	METROVIÁRIO
	PORTUÁRIO	RODOVIÁRIO

Como se vê em (9), as bases, além de substantivas e concretas, têm em comum o fato de representarem locais, o que permite parafrasear as formações da seguinte maneira: X-ário é o “profissional que trabalha em X”, uma vez que as bases categoricamente expressam lugares (biblioteca, porto e empresa, entre outros).

Sem dúvida alguma, a agentividade expressa por -ário deve ser vista como genérica: o agente resultante não age diretamente sobre o que se especifica na base, como nas formações X-eiro (‘sorveteiro’, ‘sapateiro’) e X-ista (‘dentista’, ‘manobrista’), exercendo, antes, sua atividade no local que a base representa.

Além disso, -ário precisou estender seu significado para conviver com seu irmão-rival -eiro, como destacaremos no Capítulo 4. Nesse sentido, pode ser notado, nas construções X-ário, que as profissões apresentam um caráter

genérico, em que o sufixo possui uma função hiperonímica, denominada de “guarda-chuva” por Spinassé (2000). Em outras palavras, -ário não representa profissões pontuais, como faz -eiro, já que não remete aos seguintes significados: (a) que produz X; (b) que vende ou negocia X; e (c) que conserta X. Assim, é bastante claro que “rodoviário” constitui um agente, mas não pontual ou específico, e sim um representante de toda uma classe de profissionais. Nesse caso, o termo pode remeter tanto ao motorista do ônibus, como ao cobrador e ao fiscal, entre outros.

Também ocorrem nesse grupo bases deverbais e abstratas, embora sejam minoria, como ‘concessionário’, ‘financiário’ e ‘funcionário’. Percebe-se, além disso, que algumas palavras podem ser consideradas como formações recentes, conforme se vê em (10), que lista formas ainda não catalogadas nos dicionários consultados:

(10)	AEROVIÁRIO	HIDROVIÁRIO
	METROVIÁRIO	RODOVIÁRIO

A produtividade do grupo agente se apresentou como uma questão polêmica em trabalhos anteriores. Alguns autores o consideram produtivo, ao passo que outros, como por exemplo Spinassé (2000), acreditam que não. No início de nossa pesquisa, julgamos que ele fosse produtivo, tendo em vista a

existência de formações recentes, conforme visto em (10). Entretanto, após análise mais cuidadosa, entendemos que tais exemplos podem ser considerados como casos de analogia (Basilio, 1997), já que todos eles estão relacionados com as formações X-via: aerovia, hidrovía, metrovia e rodovia, entre outras. Como todas as novas formações apresentam a seqüência -viário, parece razoável uma análise pela analogia, já que, ao que tudo indica, as formas mais recentes se espelham na mais antiga – ‘ferroviário’ –, cuja entrada na língua data, segundo Cunha (1991), do início do século XX.

Isto posto, vemos que este grupo de dados é improdutivo e assim podemos aplicar a ele a seguinte RAE:

(11) [[x]_s ário]_s

“profissional que trabalha em X”

Em outros termos, a uma base nominal e concreta adiciona-se o sufixo -ário, dando origem a um *output* também substantivo, que veicula a noção de agente e pode ser semanticamente parafraseado como “profissional que trabalha em X”.

3.3.2.2 – Agente circunstancial

O grupo agente circunstancial apresentou 28 dados, dos quais apenas 5 formados por base presa, ou seja, aproximadamente 18% do total. Assim, além de as bases serem predominantemente livres, também são substantivos abstratos.

Já o *output* apresenta uma flutuação categorial substantivo/adjetivo. Isso porque, como vimos na seção anterior deste trabalho, diferentemente do grupo agente profissional, este designa atividades de caráter transitório e uma condição marcada pela circunstância.

Também não são percebidas construções recentes, o que nos permite aplicar a este grupo a seguinte RAE:

(12) [[x]_s ário]_{s/adj}

“o que está em X ou que pratica X temporariamente”

Como correspondente ao grupo agente circunstancial das construções X-ário, o sufixo -eiro apresenta o grupo agente habitual (cf. Marinho, 2004). Apesar de semelhantes, as duas construções não apresentam a mesma semântica. Os agentes habituais expressam uma idéia de habitualidade da atividade especificada na base (cf. Marinho, 2004), ao passo que a idéia de hábito não se configura nas construções X-ário.

Além disso, é válido também observar que dentro deste grupo existem poucas palavras às quais podemos atribuir um juízo de valor. Já com os agentes habituais em -eiro, na maioria das vezes esse juízo é negativo, apresentando uma conotação pejorativa, como observa Marinho (2004).

Para comparação entre esses dois tipos de agente, vale observar os exemplos em (13)⁸:

(13)

AGENTE CIRCUNSTANCIAL EM -ÁRIO	AGENTE HABITUAL EM -EIRO
Acionário	Baderneiro
Estagiário	Bisbilhoteiro
Estelionatário	Cachaceiro
Incendiário	Farofeiro
Falsário	Frangueiro
Mesário	Mexeriqueiro
Universitário	Trapaceiro

É possível observar, a partir de (13), que apenas três formações circunstanciais em -ário são negativos: 'presidiário', 'falsário', e 'estelionatário'. No caso de -eiro, ao contrário, todas as formações são depreciativas, o que possibilita considerar tais construções como marcadas pela função expressiva de avaliação, nos termos de Basilio (1987).

⁸ Os exemplos de construções X-eiro apresentados neste trabalho foram retirados do trabalho de Marinho (2004).

3.3.2.2.1 – Agentes profissional e circunstancial: mesmo grupo ou grupos distintos?

Esta seção tem como objetivo discutir se os tipos de agente aqui apresentados são subdivisões do mesmo grupo ou se pertencem a grupos diferentes. Em outras palavras, devemos aplicar a eles uma ou duas RAEs?

Apesar de ambos serem agentes, acreditamos que constituem grupos distintos em virtude das diferenças observáveis. Uma delas é a própria diferença semântica existente entre eles. Como já visto, os agentes profissionais denotam, como o nome diz, profissões propriamente ditas, ou seja, um ofício, ao passo que os circunstanciais dizem respeito a atividades de caráter transitório, que expressam a situação em que alguém se encontra temporariamente.

Além disso, corrobora para a separação em dois grupos o fato de a maioria das bases dos agentes profissionais ser constituída por um substantivo concreto, ao passo que nos circunstanciais ela é um substantivo abstrato, na maior parte dos dados. Assim, na aplicação das RAEs, uma deveria receber o traço [+concreto] e a outra o [-concreto], conforme se vê em (14):

(14)

AGENTE PROFISSIONAL

Agente	Traço
Bancário	[+ concreto]
Bibliotecário	[+ concreto]
Empresário	[+ concreto]
Ferrovário	[+ concreto]

Hidroviário	[+ concreto]
-------------	--------------

AGENTE CIRCUNSTANCIAL

Agente	Traço
Acionário	[- concreto]
Adversário	[- concreto]
Emissário	[- concreto]
Expedicionário	[- concreto]
Missionário	[- concreto]

Outro argumento em favor da existência de duas RAEs distintas é o fato de que, no grupo agente profissional, todos os dados apresentam caráter neutro – justamente por se tratar de profissões, ainda que algumas sejam menos valorizadas –, enquanto, dentre os agentes circunstanciais, existem várias ocorrências de palavras às quais pode ser atribuído juízo de valor negativo. Observem-se os exemplos em (15):

(15)

AGENTE	TIPO	ESPECIFICAÇÃO
Aeroviário	Profissional	neutro
Boticário	Profissional	neutro
Eletricário	Profissional	neutro
Operário	Profissional	neutro
Estelionatário	Circunstancial	pejorativo
Falsário	Circunstancial	pejorativo
Mercenário	Circunstancial	pejorativo
Presidiário	Circunstancial	pejorativo

As características distintivas apresentadas ao longo desta seção permitem considerar os agentivos em -ário (profissional e circunstancial) como construções distintas. Falam em favor da separação, como vimos, os seguintes fatores: (a) a natureza do significado do produto, (b) a especificação semântica da base e (c) a possibilidade de função expressiva de avaliação, presente apenas nos agentes circunstanciais.

3.3.2.3 – Objeto

Os dados deste grupo se constituem, em sua maioria, por bases livres. Num total de 39 palavras, a existência de base livre pôde ser constatada em 28 formações, representando cerca de 68% do total.

Além disso, a maior parte dos dados tem como *input* um substantivo concreto, como ocorre em 'fichário', 'lampadário' e 'maquinário', entre outros.

Apesar de o grupo ter sido denominado *objeto*, é interessante observar que inúmeras formas possuem interpretação locativa. Por exemplo, 'dicionário' constitui produto resultante da relação das palavras de uma língua. Além disso, pode ser genericamente interpretado como “local em que se listam as formas da língua”, o que potencializa a interpretação locativa. O termo *objeto* se deve ao fato de as palavras deste grupo denotarem um objeto-produto de um conjunto de elementos. Assim podem ser vistos muitos vocábulos que trazem em si uma noção de coletividade, conforme mostram os exemplos abaixo:

(16)	ANEDOTÁRIO	DICIONÁRIO
	DOCUMENTÁRIO	EMENTÁRIO
	GLOSSÁRIO	NOTICIÁRIO
	QUESTIONÁRIO	VOCABULÁRIO

Este grupo, no entanto, não possui ocorrências que atestem sua produtividade, de modo que podemos aplicar a ele tão-somente a Regra de Análise Estrutural, que se apresenta em (17) a seguir:

- (17) [[x]_s ário]_s
 “objeto de x”

3.3.2.4 – Adjetivo

O segundo maior grupo do *corpus* apresenta 47 dados, dos quais 21 apresentam base presa – cerca de 43%. Além de a maioria das bases ser livre, estas também são substantivos abstratos, e o *output* é um adjetivo.

Cabe observar que alguns dos dados podem ser entendidos, num primeiro momento, como pertencentes a outros grupos propostos neste trabalho. É o caso,

por exemplo, de 'imobiliário', que, *a priori*, poderia ser enquadrado no grupo agente profissional. Entendemos, todavia, que, como este vocábulo, para receber a semântica de agente, precisa estar inserido em um sintagma do tipo “agente imobiliário”, então sua função predominante é a de adjetivo.

Não podem ser percebidas aqui formações recentes. Desse modo, pode ser formalizada para este grupo a seguinte Regra de Análise Estrutural:

$$(18) \quad [[X]_s \text{ ário}]_{\text{adj}}$$

“referente a X”

A RAE em (18) pode ser entendida da seguinte maneira: a uma base substantiva abstrata, acrescentou-se o sufixo -ário, dando origem a um *output* adjetivo.

3.3.2.5 – Beneficiário

No menor grupo do *corpus*, com 18 dados, há apenas duas ocorrências de base presa ('donatário' e 'mutuário'), o que fornece um total aproximado de 11%. Além disso, ao contrário do que ocorre nos demais grupos, a base é quase sempre um verbo – como se vê em (19) –, o que nos permite especificar o *input*

como verbal. Evidência disso é a sistemática presença da consoante /t/, que só não ocorre na forma 'beneficiário'.

(19)

BASES VERBAIS

ADJUDICATÁRIO

ARRENDATÁRIO

BENEFICIÁRIO

CONSIGNATÁRIO

DEPOSITÁRIO

LEGATÁRIO

LOCATÁRIO

MANDATÁRIO

Como visto anteriormente, este grupo foi criado para dar conta de palavras como 'comodatário' e 'locatário', que designam sujeitos que recebem ou se beneficiam de algo. Diferentemente dos grupos de agentes, esta relação de palavras possui uma interpretação mais de paciente.

É interessante observar, também, que algumas dessas palavras possuem relação com as formas X-dor, em que a construção em -ário indica um sujeito passivo e a em -dor, um sujeito ativo. Assim, têm-se os exemplos do item (20):

(20)

X-ÁRIO	X-DOR
Alugatário	Alugador
Arrendatário	Arrendador
Consignatário	Consignador

Locatário	Locador
Mandatário	Mandador

Parece haver, portanto, um padrão derivacional segundo o qual formas X-ário pacientes/beneficiárias se relacionam, no léxico, com formações agentivas X-dor. Nesse caso, -dor e -ário acessam a mesma base verbal para focalizar diferentes elementos de uma cena de negociação. Percebe-se que as formas em -dor remetem a uma interpretação ativa, enquanto as em -ário são sempre passivas. Esse padrão derivacional geral pode ser formalizado da seguinte maneira, levando-se em conta a proposta de Basilio (1980):

$$(21) \quad [[x]_v \text{ário}]_{s. \text{paciente}} \leftrightarrow [[x]_v \text{dor}]_{s. \text{agente}}$$

Este grupo não apresentou formações recentes, o que nos permite aplicar a ele a Regra de Análise Estrutural formalizada em (22):

$$(22) \quad [[x]_v \text{ário}]_s$$

“aquele que se beneficia de X ou recebe X”

3.3.2.6 – Classificador zoológico

Quase em sua totalidade, os dados deste grupo são constituídos de base presa, o que torna as construções opacas para a imensa maioria dos falantes. Muitas vezes, é possível reconhecer tão-somente a categoria lexical a que pertencem as palavras, como se vê em (23):

(23)	ACTINOZOÁRIO	CNIDÁRIO
	ENTOZOÁRIO	LOCUSTÁRIO
	MADREPORÁRIO	OOTECÁRIO

Não podemos considerar, portanto, este grupo produtivo. Porém, acreditamos que ele possa ser acionado em determinados setores da área médica/biológica, tendo em vista que as palavras do grupo são construções manufaturadas, ou seja, parece haver, aqui, um caso de palavras deliberadamente arquitetadas pelo ser nomeador: a designação de um ser vivo ou de uma espécie é intencionalmente planejada, recorrendo-se, para tanto, a bases presas, latinas ou gregas, que possam traduzir a idéia desejada.

Assim, o vocábulo 'gastrozoário', por exemplo, não pode ter seu sentido completamente depreendido pelo falante. No entanto, como pequena parcela de falantes percebe que a base presa gastr(o)- (do grego *gastēr*, *gastrós* – cf. Cunha, 1986) está relacionado a 'estômago', 'ventre', então pode-se chegar, por dedução,

a uma definição aproximada, que seria “animal em que é predominante o sistema digestivo” (Ferreira, 1999).

Outro exemplo é 'polizoário', que diz respeito a certos tipos de animais que vivem em colônias. Tendo em vista que o formativo poli-, do grego *polýs*, tem seu significado reconhecido como 'muito', podemos então perceber a intencionalidade do nomeador ao manufacturar esse termo científico.

Como o grupo classificador zoológico não é produtivo para a maioria dos falantes, aplicaremos, então, a ele, a seguinte RAE:

(24) [[x]_s ário]_s

“espécime, ser vivo ou animal de pequeno porte”

Com tudo o que foi visto neste capítulo, podemos afirmar que, ao contrário do afirmam alguns autores, sobretudo gramáticos tradicionais (cf. Rocha Lima, 2003), o sufixo -ário tem se mostrado produtivo ainda nos dias atuais, pelo menos para o grupo locativo. O passo seguinte é analisarmos este formativo diacronicamente, de modo que se possa entender sua relação com o sufixo “irmão-rival” -eiro, bem como sua necessidade de especialização e extensão de significado.

4 – ANÁLISE DIACRÔNICA DAS FORMAÇÕES X-ÁRIO

Muitas de nossas gramáticas tradicionais tratam os sufixos -ário e -eiro como elementos morfológicos idênticos. Alguns autores, como Bechara (1999) e Rocha Lima (2003), na lista de afixos da língua portuguesa, colocam juntos os dois sufixos, bem como seus exemplos. Essa visão também é encontrada em alguns manuais de morfologia do português. Monteiro (2002), por exemplo, afirma que, embora muito freqüente, -ário ocorre mais sob a forma -eiro e que o segundo é variante do primeiro.

Evidente que esse posicionamento de alguns gramáticos e morfólogos não é fruto de equívoco ou irresponsabilidade lingüística. Provavelmente, deve-se ao fato de ambos serem originados do mesmo étimo latino: o formativo -ariu(m). No entanto, com o que já foi exposto e ainda apresentaremos, fica claro que -eiro e -ário não podem ser considerados formas variáveis de um mesmo sufixo, visto que eles apresentam peculiaridades e, por isso mesmo, merecem ser tratados separadamente.

Neste capítulo, apresentamos evidências diacrônicas de que -eiro e -ário, apesar de constituírem sucessões históricas de um mesmo afixo, devem ser vistos como elementos morfológicos distintos, já que apresentam funções semânticas diferentes. Além disso, pretendemos mostrar que as diferenças de produtividade entre os dois afixos provêm de um interessante relacionamento histórico: -ário, embora formalmente mais próximo do sufixo latino -ariu(m), tem entrada mais

tardia na língua, já que foi incorporado ao português no período do Renascimento, através de empréstimos diretos do latim.

4.1 – Formações X-ário: do latim ao português arcaico

Ao longo da história, o sufixo -ariu(m) foi utilizado no latim clássico inicialmente na formação de adjetivos triformes, ou seja, adjetivos que apresentam três formas diferentes para masculino, feminino e neutro. Portanto, -ariu(m) era um sufixo basicamente modal (Maurer Júnior, 1959). Mais tarde, na modalidade culta, as formações X-ariu(m) passaram a adquirir novas significações, como agente profissional (*'caprarius'*) e locativo (*'armarium'*). No latim vulgar, posteriormente, registra-se a ocorrência desse sufixo para designar árvores frutíferas (cf. Marinho, 2004), como jambeiro e coqueiro.

Essas funções semânticas, segundo Maurer Júnior (1959), derivaram do emprego modal desse sufixo, afixado, em princípio, somente a bases adjetivas. Entretanto, segundo Marinho (2004), houve um processo metonímico de simplificação do sintagma nominal constituído de substantivo + adjetivo, em que o primeiro sofreu progressivo desuso, e o adjetivo passou a assumir o significado de todo o sintagma, funcionando categorialmente, então, como substantivo. Dessa maneira, o sufixo -ariu, que era apenas modal e vazio de significado, passou a veicular o conteúdo semântico anteriormente expresso pelo sintagma. É o que se vê em (1):

- (1) **taberna** **libraria** >> **libraria**
- | | | | | |
|--------|------|--|--------|----------------------------------|
| subst. | adj. | | subst. | } "local em que se vende livros" |
|--------|------|--|--------|----------------------------------|
-
- | | |
|-----------------|--------------|
| [

] | sintag. nom. |
|-----------------|--------------|

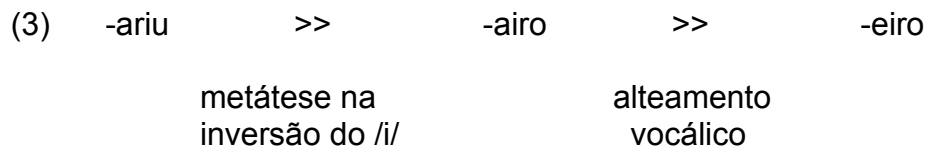
Segundo Gonçalves (2005), a significação básica das formas X-ariu(m) foi a agentiva, tendo sido as demais acepções “resultantes de espraiamento metafórico” (op. cit., p. 65) , como se vê em (2):

- (2) ADJ. SUBST.
- | | | | | |
|-----------------------------------|--------|----------|---------|--------|
| ----->>----->>----->>----->>----- | | | | |
| referente a | agente | locativo | árvores | outras |

Consoante Dressler (1986), quando um vocábulo é polissêmico e uma das acepções existentes é a de agente, esta será sempre a prototípica. A primazia histórica da significação agentiva constitui evidência em favor da protitipidade dos agentes, conforme atestado em Gonçalves (2005).

Assim, o sufixo -ariu(m) chega ao galego-português na forma de -eiro após sofrer dois processos fonológicos, aos quais foi naturalmente submetido: metátese (inversão na ordem do tepe, de antes para depois de /i/) e alteamento vocálico

(elevação da vogal baixa /a/, que passa à média /e/). Entre essas duas formas, há registros esporádicos de uma forma intermediária, -airo, a qual foi pouco documentada, aparecendo, nos textos da época, em palavras como ‘contrairo’ e ‘vigairo’, por exemplo. Assim, tem-se a escala em (3):



Após rastreamento em obras escritas entre os séculos XII e XV (como, entre outras, *A demanda do Santo Graal*, *O testamento de D. Affonso II* e *O livro das aves*), Marinho (2000) afirma que não foi encontrada nenhuma ocorrência de formações X-ário, o que permite concluir a respeito da não-existência desse sufixo à época. Por outro lado, há um grande número de palavras formadas por -eiro com várias acepções (‘cavaleiro’, ‘escudeiro’, ‘guerreiro’, ‘conselheiro’, ‘amendoeira’). Nesse estágio da língua, também podem ser encontradas raríssimas ocorrências do sufixo -airo: ao todo, Marinho (2000) encontrou apenas 7 registros de formações X-airo. Essas formas podem ser consideradas resíduos lexicais do processo fonológico de alçamento da vogal baixa /a/ do sufixo latino -ariu(m).

Levando em conta a pesquisa conduzida por Marinho (2000), podemos afirmar, portanto, que -ário, por não aparecer nos textos mais antigos escritos em

português, simplesmente não existia no período histórico denominado “português arcaico”.

4.2 – O ingresso do sufixo -ário no português

Sobre a origem dos sufixos -eiro e -ário, existem duas correntes interpretativas. A primeira, defendida por Coutinho (1982), acredita que ambos foram originados de -ariu(m) simultaneamente, em que -eiro ingressou por via erudita (língua escrita) e -ário por via popular (língua falada). Tal hipótese não condiz com os resultados do trabalho de Marinho (2000), que, como vimos, não encontrou registros de -ário no português arcaico.

A segunda – na qual acreditamos –, defendida sobretudo por Maurer Jr., argumenta que o verdadeiro sucessor histórico de -ariu(m) é -eiro, sendo -ário resultante da ação de empréstimos tardios do latim clássico, com o propósito de resgatar a tradição greco-latina.

Desse modo, pode-se dizer que -eiro é -ariu(m) modificado no tempo e no espaço, tendo sofrido mudanças fonológicas naturais, ao passo que -ário é a forma mais recente e, portanto, mais semelhante ao “sufixo-mãe”. Para analisar historicamente as formações X-ário, realizamos pesquisa em dicionários etimológicos (Cunha, 1991; Bueno, 1988) com o propósito de datar cada uma das formações de nosso *corpus* (ver apêndice). Assim, procuramos controlar a provável entrada das formas X-ário na língua e a aceção originária.

As datações mais antigas do sufixo -ário remontam aos séculos XIV e XV. Nos séculos XVII e XVIII, poucas construções do tipo X-ário foram introduzidas no português. Foi, assim, no século XIX, que ocorreu uma importação maciça de agentes em -ário na língua. Tendo em vista que a maioria dessas palavras provém do francês, tal fato pode ser atribuído à Revolução Francesa, que propiciou grande surgimento de novas atividades profissionais.

No entanto, é do século XX que data o maior número de agentes X-ário. Além disso, os agentes passam a se apresentar mais especializados, distinguindo-se da acepção veiculada pelas formações agentivas mais antigas (a de profissão pontual, específica) e das formas X-eiro (que, ainda hoje, remetem a uma profissão de caráter mais pontual).

Assim, conforme dissemos no capítulo anterior, é possível perceber que formas como 'rodoviário', 'ferroviário' e 'bancário', entre outras, não correspondem a um ofício específico, mas a toda uma classe de profissionais, diferente de, por exemplo, 'veterinário', cuja entrada no léxico data do século XVI. Desse modo, pode-se dizer que as formações mais recentes funcionam como hiperônimos, abarcando um conjunto de “profissionais que têm em comum apenas a atividade nuclear que se especifica na base” (Gonçalves, 2005, p. 76).

Há, portanto, diferenças semânticas entre os agentes profissionais X-ário, se levarmos em conta o fator tempo: as mais antigas (importadas diretamente do latim) são mais pontuais, enquanto as mais recentes são mais genéricas. No

quadro em (4), podemos ver a diferença de acepção agentiva das formas X-ário através dos séculos:

(4)

AGENTE	SÉCULO DE ENTRADA NA LÍNGUA	TRAÇO
boticário	XV	[+ específico]
veterinário	XVI	[+ específico]
operário	XVII	[+ específico]
ferroviário	XX	[- específico]
rodoviário	XX	[- específico]
hidroviário	XX	[- específico]

Com a coexistência de -eiro e -ário a partir do século XV, a língua passou a apresentar dois sufixos praticamente idênticos no significado, visto que ambos apresentavam amplamente o uso como locais e agentivos. Porém, como atestam Ilari & Geraldi (1989), nas línguas não há espaço para sinonímias. Assim, -ário precisou estender e especializar seu sentido, para que, dessa forma, pudesse conviver e “concorrer” com seu sufixo-irmão -eiro. A extensão do significado de -ário, comparado a -eiro, pode ser vista em (5):

(5)

AGENTE	TRAÇO
Aeroviário	[- pontual]
Empresário	[- pontual]
Industriário	[- pontual]
Funcionário	[- pontual]
Açougueiro	[+ pontual]
Minhoqueiro	[+ pontual]
Chaveiro	[+ pontual]
Sorveteiro	[+ pontual]

Como se vê em (5), as profissões em -eiro são mais pontuais que as em -ário, aproximando-se bem mais das formações X-ariu(m) do latim, como 'caprarius' (aquele que cuidava de cabras) e 'ferrarius' (ferreiro), por exemplo. Sem dúvida alguma, estamos diante de uma especialização: se X-eiro faz referência àquele que trabalha com X, X-ário, ao contrário, remete àquele que trabalha em X, já que as bases remetem a locais nas formações mais recentes.

Outro aspecto em que -eiro e -ário diferem diz respeito ao nível de especialização adquirida pelos agentes profissionais em -ário. Tais profissões assumem, ao longo dos anos, maior prestígio social, em virtude de exigirem maior nível de educação formal/intelectualização que as formas em -eiro.

É interessante observar que o agente profissional das construções X-ário é semanticamente distinto dos agentes formados pelo sufixo -eiro. Isso porque, quase sempre, -eiro designa profissões que requerem menos especialização e/ou intelectualização que -ário, configurando-se em profissões de carácter mais

artesanal ou prático, conforme pode ser visto em (6), a partir do confronto entre agentes profissionais X-ário e X-eiro:

(6)

-ÁRIO	-EIRO
Aeroviário	Açougueiro
Empresário	Barbeiro
Financiarário	Caminhoneiro
Publicitário	Faxineiro
Securitário	Pedreiro
Veterinário	Vaqueiro

Rondinini (2004) – seguindo Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) – propõe a seguinte escala de status, representativa de um *continuum* que avança dos agentes de maior caráter intelectual e teórico para os de caráter mais prático, artesanal:

(7) -ólogo >>> -ógrafo >>> -ista >>> -ário >>> -eiro

Nessa escala, -ário ocuparia uma posição mais à direita do *continuum*, caracterizando profissões mais prestigiadas que -eiro e que, por isso mesmo, requerem mais conhecimento técnico e maior especialização. Tal fato fica bem evidenciado na oposição, por exemplo, entre 'bibliotecário' e 'sapateiro', entre tantas outras.

Os locativos, assim como os agentes profissionais, também sofreram especialização de sentido. As palavras mais antigas deste grupo, em sua maioria, podem se parafraseadas como “local onde se deposita ou guarda X”. As mais recentes, no entanto, revelam uma tendência de veicularem o significado de “lugar onde se cria, cultiva ou demonstra X”. A variação de sentido que os locativos em -ário vêm apresentando pode ser observada nos exemplos em (8):

(8)

LOCATIVO	SÉCULO DE ENTRADA
Armário	XV
Santuário	XV
Sacrário	XVI
Ranário	XX
Orquidário	s.r.
Insetário	s.r. ⁹

É interessante notar que o significado veiculado inicialmente pelos locativos em -ário (“local onde se deposita ou guarda X”) se aproxima daquele veiculado por -eiro ('açucareiro', 'cabideiro', 'cinzeiro'), o que reforça a tese da necessidade de ampliação de sentido que -ário precisou adquirir para conviver com -eiro.

⁹ S.r = sem registro. Os vocábulos 'orquidário' e 'insetário', assim como outros que podem ser vistos no Apêndice deste trabalho, por serem demasiado recentes, ainda não possuem registro de entrada nos dicionários etimológicos consultados. Sabemos, no entanto, que datam do século XX.

Um aspecto interessante também pode ter sido derivado da convivência histórica entre os dois sufixos que se originaram de -ariu(m): a produtividade lexical. Vimos, no Capítulo 3, que o único grupo produtivo de -ário é o locativo. Essa acepção, de acordo com os resultados de Marinho (2004), não é produtiva para as formações X-eiro. O sufixo -eiro, ainda de acordo com Marinho (2004), é extremamente produtivo na formação de agentes, o que não acontece com ário, como defendemos em 3.3.2.1.

Dessa maneira, parece haver uma espécie de distribuição complementar na produtividade de -eiro e -ário: o primeiro é produtivo na acepção mais prototípica de -ariu(m) – a agentiva. O segundo, ao contrário, é produtivo exatamente na acepção em que -eiro não é – a locativa. A morfologia diacrônica pode, portanto, oferecer evidências empíricas sobre mudanças na produtividade lexical. Nesse caso, ao que tudo indica, as diferenças de produtividade parecem se explicar pela convivência de afixos que remetem a um mesmo étimo.

Assim, com tudo o que foi visto, cremos que não se pode mais dizer que -eiro e -ário são sufixos sinônimos. Tais morfemas apresentaram percursos históricos diferentes, além de carregarem conotações, produtividade e usos distintos. Desse modo, merecem ser tratados de forma individual e que sejam observadas suas peculiaridades.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos o sufixo -ário, desde sua origem até os dias atuais. Para tanto, utilizamos um *corpus* de 246 dados, coletados de fontes diversas (jornais, revistas, dicionários e outros), de maneira assistemática, tendo feito parte do *corpus* toda manifestação oral e/ou escrita em que o formativo -ário foi utilizado.

Para a análise da produtividade do sufixo -ário, os dados foram distribuídos por grupos de afinidade morfo-sintático-semântica, a fim de que pudéssemos estabelecer Regras de Formação de Palavras e Regras de Análise Estrutural (RFPs e RAEs, conforme Aronoff, 1976, e Basilio, 1980, respectivamente) envolvidas no processo de formação de palavras do tipo X-ário.

Realizamos, também, uma comparação com o sufixo -eiro, motivada pelo fato de serem continuações históricas do mesmo sufixo latino -ariu(m). Para tanto, utilizamos a Morfologia Diacrônica (Joseph, 1998). Assim, recorreremos a dicionários etimológicos, a fim de se obter dados históricos a partir dos quais se pudesse detectar o comportamento das formas X-ário ao longo dos séculos.

A comparação entre esses dois sufixos foi motivada pelo fato de, apesar de serem ambos originados do mesmo étimo latino, -ário ter desaparecido do português. Assim, vimos que o sufixo -ariu(m) chegou ao galego-português na forma de -eiro após sofrer dois processos fonológicos, aos quais foi naturalmente

submetido: metátese e alteamento vocálico. Já o sufixo -ário resultou da ação de empréstimos tardios do latim clássico, com o propósito de resgatar a tradição greco-latina. Somente a partir dos séculos XV e XVI essas formas se tornaram presentes no português, tendo sido incorporadas por via erudita durante o Renascimento.

Quanto à produtividade, pudemos concluir que o sufixo -ário se mostrou, nos dias atuais, ativo na produção de novas formações locativas. O considerável número de formas recentes nesse grupo ('bicicletário', 'bromelhário', 'chocolatário', 'fraldário', 'ranário', 'visitário', entre outras) atestou a produtividade do sufixo. Tal fato contraria a idéia de alguns autores (p. ex., Rocha Lima, 2003), que não acreditam que ele seja utilizado na formação de novas palavras.

No que diz respeito ao contraste com -eiro, vimos que -ário precisou estender e especializar seu sentido, para que, dessa forma, pudesse conviver com seu sufixo-irmão -eiro. Pôde ser notado que, nas construções X-ário, as profissões apresentam um caráter genérico, em que o sufixo possui uma função hiperonímica, denominada de "guarda-chuva" por Spinassé (2000). Em outras palavras, -ário não representa profissões pontuais, como faz -eiro ('publicitário' X 'pedreiro').

Além disso, vimos que o agente profissional das construções X-ário é semanticamente distinto dos agentes formados pelo sufixo -eiro, que designa profissões que requerem menos especialização e/ou intelectualização que -ário, configurando-se em profissões de caráter mais artesanal ou prático.

Com o que foi aqui exposto, pudemos concluir que os sufixos -eiro e -ário, apesar de serem originados do mesmo étimo latino -ariu(m), apresentam características e usos diferentes um do outro. Desse modo, não podem ser tratados como variantes de um mesmo formativo, como acredita Monteiro (2002).

Assim, esperamos, com este trabalho, que tenhamos dado contribuição para os estudos na área da morfologia, sobretudo no que diz respeito aos agentivos denominais. Sabemos, todavia, que este estudo não pretende ser definitivo, pois muito ainda há para se analisado no que concerne ao sufixo -ário, ainda tão pouco pesquisado, mas repleto de razões que o tornam de extremo interesse para os estudos morfológicos do português.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. V. (2004). “Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro - propostas e problemas”. Lisboa: APL - Actas do 20º Encontro Nacional.
- ARONOFF, M. (1976). *Word formation in gerative grammar*. Cambridge: The MIT Press.
- BASILIO, M. (1980). *Estruturas Lexicais do Português: Uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1981). “Re-estudo de agentivos”. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro: PUC-RJ.
- ____ (1987). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- ____ (1997). “O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês gramaticais”. In: *Veredas*, 2 (1):9-23. Juiz de Fora: editora da UFJF.
- ____ (2004). *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto.
- BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna
- BLOOMFIELD, L. (1933) *Language*. Londres: George Allen & Unwin.
- BUENO, F. da S. (1988). *Grande dicionário etimológico-prosódico da lingual portuguesa*. São Paulo: Lisa.
- CHOMSKY, N. (1970). *Remarks on nominalization*. In: ____ (org.) *Readings in english grammar*. Walthom: Gimm.
- CUNHA, A. G. da. (1994). *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DAMULAKIS, G. N. (2003). "Sobre o reingresso das formas X-ário ao português".

Comunicação apresentada no 11º Congresso da ASSEL-Rio.

DRESSLER, W. (1986). *Explanation in natural morphology ilustred with comparative agent-noun formation*. Linguistics.

GONÇALVES, C. A. (2005). *Estudos em morfo-pragmática e morfologia diacrônica*. São Paulo: Booklink.

_____ (2004). "Morfema: a sabotagem do ideal de univocidade entre forma e conteúdo". *PLUSS – Revista de Lingüística*, Vassouras, 1 (1): 7-28.

_____ (2000). "Agentivos denominais em português: condições de produtividade e condições de produção". Projeto de pesquisa cadastrado no SIGMA. Rio de Janeiro: UFRJ.

GONÇALVES C. A., COSTA R. G. R. & YACOVENCO, L. C. (1998). "Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil". In: *Alfa*, 42: 33-62. Unesp.

HALLE, M. (1973). Prolegómena to a theory of Word formation. *Linguistic Inquiry*, 4 (1): 3-16.

ILARI, R. & GERALDI, W. (1989). *Semântica*. São Paulo: Ática.

JACKENDOFF, R. (1975) "Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon." In: *Language* 51, 639-71.

JOSEPH, B. (1998). Diachronic Morphology. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Londres: Basil Blackwell.

MARINHO, M. A. F. (2000). *Agentivos denominais no português do Brasil: condições de produtividade e condições de produção*. Terceiro relatório

apresentado à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras.

____ (2004). Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

MAURER JR. (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

MATTOSO CÂMARA Jr. J. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

MONTEIRO, J. L. (2002). *Morfologia portuguesa*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, A. (1995). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

NOGUEIRA, T. S. (2003). “Análise da correspondência entre os sufixos -ário, -ária e -aria em português”. In: *Inicia*.

PIZA, M. T. (2005). *Agentivos denominais em português: uma abordagem otimalista e cognitiva para fenômenos morfológicos*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

ROCHA LIMA, C. H. da. (2003). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

RONDININI, R. B. (2004). *Formações X-ólogo e X-ógrafo em português: uma análise derivacional*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

SPINASSÉ, K. P. (2000). *Formas X-eiro e X-ário: estudo histórico preliminar*. Comunicação apresentada no VIII Congresso da ASSEL-Rio. Niterói: UFF.

VILLALVA, A. (2000). *Morfologia do português*. Coimbra: Almedina.

7 – APÊNDICE

GRUPO 1 – LOCATIVO

Aduário (s. r.) S. m. 1. Tempero, condimento. 2. Resíduos animais ou vegetais, ou substância química, que se misturam à terra para fertilizá-la; fertilizante. 3. Fig. Chiste, facécia; sal. 4. Fig. Aquilo que favorece o desenvolvimento.

Antiquário (XVI, lat.) S. m. 1. Estudioso, colecionador ou comerciante de antigüidades ou antigualhas. 2. Estabelecimento onde se comerciam antigüidades.

Apiário (1844, lat.) Adj. 1. Referente às abelhas. S. m. 2. Estabelecimento de criação de abelhas.

Aquário (XVI, lat.) S. m. 1. Depósito de água para conservar, criar ou observar animais ou plantas aquáticas, e especialmente peixes ornamentais. 2. Viveiro. 3. Fig. Bras. Cada um de diversos locais de trabalho, separados por divisórias de vidro, em sala de grandes dimensões, como, p. ex., numa redação (5). 4. P. ext. Astr. A 11ª constelação do zodíaco, situada no hemisfério sul. [Sin. (p. us.), nesta acepç.: Aguadeiro.] 5. Astrol. O 11º signo do zodíaco, relativo aos que nascem entre 20 de janeiro e 19 de fevereiro.

Argentário (1899, lat.) S. m. 1. Guarda-pratas. 2. Indivíduo muito rico; milionário.

Armário (XIV, lat.) S. m. 1. Móvel de madeira, metal, etc., ou vão aberto na parede, com prateleiras e/ou gavetas e, em geral, com portas, para guardar roupas, louças, papéis, remédios, ou quaisquer outros objetos.

Aviário (XVII, lat.) S. m. 1. Viveiro de aves; passareira. 2. Estabelecimento onde se vendem aves; galinheiro, avícola.

Balneário (1871, lat.) S. m. 1. Recinto público destinado a banhos. 2. Estabelecimento ou edifício especialmente organizado e equipado para banhos; banhos, termas. 3. Estância balnear de águas medicinais; banhos.

Berçário (XX) S. m. Bras. 1. Seção, nas maternidades, onde ficam os berços com as crianças recém-nascidas.

Bicicletário (s. r.) S. m. Bras. 1. Lugar onde se guardam bicicletas.

Bromelhário (s. r.) S. f. Bot. 1. Gênero-tipo das bromeliáceas, que ocorre desde as Antilhas até a Argentina; são vegetais xerófitos, rastejantes, de bagas por vezes comestíveis. 2. Qualquer espécie, ou espécime desse gênero.

Campanário (*canpanario* XV, *campanairo* XVII) S. m. 1. Parte aberta da torre de igreja, onde estão os sinos. 2. Torre de sinos. 3. P. ext. A freguesia, a aldeia dotada de igreja com campanário.

Cenário (1833, it. derivado do lat. tard.) S. m. 1. Teatr. Conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos (telões, bambolinas, bastidores, móveis, luzes, formas e cores), que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação dramática. [Sin.: cena, cenografia, dispositivo cênico e (fr.) décor.] 2. Teatr. V. teatro. 3. Conjunto de vistas apropriadas aos fatos representados. 4. Lugar onde ocorre algum fato, ou onde decorre a ação, ou parte da ação, de uma peça, romance, filme, etc. 5. panorama, paisagem. 6. Fig. Modelo para análise, construído a partir de indicadores sociais, econômicos, políticos, etc. referentes a determinado período histórico. [Cf., nesta acepç., panorama (3).] 7. Conjunto de elementos que compõem o espaço criado para realização de um espetáculo artístico, filme cinematográfico ou programa de televisão.

Chocolatário (s. r.) S. m. 1. Produto alimentar, em pó ou pastoso, feito de amêndoas de cacau torradas, açúcar e diversas substâncias aromáticas. 2. Bebida, ou bombom, ou tablete, etc. preparado com esse produto. 3. A cor chocolate.

Claviculário (XVII, lat.) S. m. 1. Chaveiro. 2. Móvel ou quadro onde se penduram as chaves.

Confessionário (XVII) S. m. 1. Lugar onde o padre ouve a confissão. 2. Fig. O sacramento da penitência. 3. Tribunal de penitência.

Dispensário (1899, adapt. do fr. *dispensaire*, deriv. do inglês *dispensary* e, este, do lat. méd. *Dispensarius*). S. m. 1. Estabelecimento de beneficência onde se trata gratuitamente dos enfermos pobres, dando-lhes remédios, alimentos, roupas, etc.

Educandário (XX) S. m. 1. Estabelecimento onde se ministra educação.

Fraldário (s.r.)

Herbário (1858, lat.) S. m. 1. Coleção de plantas dessecadas que se conservam nas instituições botânicas e são destinadas à pesquisa científica; fitoteca. 2. Livro em que antigamente se reuniam descrições e figuras de plantas, com indicações acerca de suas propriedades medicinais.

Hostiário (1858) S. m. 1. Caixa para hóstias ainda não consagradas.

Insetário (s.r.) S. m. 1. Viveiro de insetos destinados a estudo, ou a reprodução em cativeiro.

Internetário (s.r.)

Libelurário (s.r.)

Minhocário (s.r.) S. m. 1. Criatório de minhocas.

Mostruário (1899, adapt. do cast.) S. m. Bras. 1. Mostrador. 2. Pasta, carteira, mala, etc., ou, ainda, simples folha de papelão, etc., em que se possam expor amostras de tecidos, de rendas, ou quaisquer outros artigos à venda.

Orquidário (s.r.) S. m. Bras. 1. Viveiro de orquídeas.

Ovário (1813, lat) S. m. 1. Anat. Cada um dos dois corpos situados de cada lado do útero. É a glândula sexual da mulher, e nele se formam os óvulos. 2. Bot. Orgânulo cavitário da flor, que encerra os óvulos, dentro dos quais se acha a célula reprodutiva feminina. [O ovário pode ser súpero ou ínfero, conforme sua posição em relação às demais peças florais. Depois da fecundação, cresce e forma o fruto.] 3. Zool. Órgão que contém e onde se formam os ovos ou óvulos nas fêmeas das aves e noutros animais ovíparos.

Planetário (XVII, lat) S. m. 1. Anfiteatro em cúpula, dotado de mecanismo mediante o qual se transmite à assistência a situação e o movimento do sistema solar.

Plenário (XV, lat.) S. m. 1. Qualquer assembléia ou tribunal que reúne em sessão todos (ou quase todos) os seus membros; pleno. 2. P. ext. Bras. O local onde este se reúne.

Ranário (XX) S. m. 1. Lugar onde se criam rãs, para fim culinário ou científico.

Sacrário (XVI, lat.) S. m. 1. Lugar onde se guardam coisas sagradas. 2. Lugar onde se guardam as hóstias consagradas. 3. Fig. Vida íntima, particular; intimidade. 4. Fig. Lugar reservado e respeitável.

Santuário (XIV, lat.) S. m. 1. Lugar consagrado pela religião; lugar santo. 2. O lugar mais sagrado do templo judaico de Jerusalém, onde se guardava a Arca da Aliança. 3. Templo, igreja, basílica, capela. 4. Sacrário, relicário. 5. Fig. A parte mais íntima (do coração, da alma, etc.). 6. Ecol. Área em que é proibida a caça, em caráter permanente, a fim de se preservarem as espécies raras que nela habitam. 7. Ecol. Área que não sofreu mudanças e que mantém condições favoráveis à preservação das espécies; santuário da vida silvestre.

Seminário (XVI, lat.) S. m. 1. Viveiro de plantas onde se fazem as sementeiras. 2. Fig. Centro de criação ou de produção. 3. Ecles. Estabelecimento escolar onde se formam os eclesiásticos. 4. O conjunto dos educadores, pessoal e alunos de um

seminário (3). 5. Congresso científico ou cultural. 6. Grupo de estudos em que se debate a matéria exposta por cada um dos participantes.

Solário (XVII, lat.) S. m. 1. Terraço que cobria as casas antigas. 2. Lugar de um estabelecimento hospitalar exposto à luz solar e destinado à helioterapia. 3. P. ext. Terraço ou outro local onde se tomam banhos de sol¹ (2). 4. Entre os antigos romanos, relógio de sol.

Vestiário (1813, lat.) S. m. 1. Indivíduo encarregado do guarda-roupa de uma corporação, de um teatro, etc. 2. Inspetor das vestiarias.

Vestuário (1873, lat. med.) S. m. 1. O conjunto das peças de roupa que se vestem; traje, indumentária. 2. Vestidura (1). S. f. 1. Tudo que é próprio para vestir; vestuário. 2. Cerimônia monástica em que se toma o hábito religioso.

Visitário (s.r.)

GRUPO 2 – AGENTE PROFISSIONAL

Aeroviário (XX) Adj. 1. Relativo a aerovia, ou a aerotransporte. S. m. 2. Profissional habilitado a exercer atividade, em terra, ligada à administração, manutenção, operação e controle de aeronaves, mediante contrato.

Bancário (1552) Adj. 1. Referente a bancos. S. m. 2. Funcionário de banco, ou de casa bancária.

Bibliotecário (1813, fr.) Adj. 1. Relativo a biblioteca; bibliotecal. S. m. 2. Aquele que superintende uma biblioteca.

Boticário (XV, lat) S. m. 1. Dono de botica. 2. Preparador e vendedor de medicamentos na botica; farmacêutico.

Censitário (XX) 1. Censual. 2. V. censatário. S. m. 3. V. censatário.

Censuário (1844) Adj. 1. V. censual. S. m. 2. Rendeiro.

Comissário (s.r.) S. m. 1. Aquele que exerce comissão. 2. Autoridade policial. 3. Aquele que representa o governo ou outra entidade junto de uma companhia ou em funções de administração. 4. Aquele que compra ou vende gêneros em comissão. 5. Comissário de bordo [Sin. obsol., nesta acepç.: aeromoço.] 6. Bras. Mar. G. Ant. Oficial pertencente a um quadro especial, a cargo de quem estavam afetos os serviços fazendários da administração dos navios e estabelecimentos navais. [Correspondente ao atual intendente (1) de marinha.] 7. Mar. Merc. Oficial a quem compete, orientado pelo capitão e como representante do armador, dirigir a economia de navio mercante (efetuar pagamentos, supervisionar os ranchos, cuidar da hospedagem e do bem-estar dos passageiros, etc.).

Concessionário (XV, fr.) Adj. 1. Que obtém uma concessão. S. m. 2. Aquele que obtém uma concessão. 3. Lus. Concessionária.

Discotecário (XX) S. m. Bras. 1. Indivíduo que superintende uma discoteca (4); disc-jóquei. 2. Profissional que organiza e dirige os trabalhos de guarda e localização de discos, fitas e cartuchos.

Eletricitário (s.r.) S. m. 1. Funcionário de companhia de energia elétrica.

Empresário (1813, it.) S. m. 1. Aquele que é responsável pelo bom funcionamento de uma empresa (2); homem de empresa. 2. Agente econômico que, percebendo oportunidades de lucro, toma a iniciativa de reunir fatores de produção numa empresa. 3. P. ext. Aquele que se ocupa da vida profissional e dos interesses de pessoas que se distinguem por seu desempenho perante o público.

Escriturário (1813) S. m. 1 Aquele que faz escrituração.

Estatutário (s.r.) Adj. 1. Relativo a, ou contido em estatuto(s). 2 [Sin. (desus.): estatucional.] 2. Diz-se de funcionário cujo vínculo empregatício é regido por estatuto próprio do poder público a que serve. S. m. 3. Funcionário estatutário (2).

Ferrovário (XX, it.) Adj. 1. Relativo a ferrovia. 2. Que se faz por ferrovia. S. m. 3. Empregado em estrada de ferro.

Financiarário (s.r.) Adj. 2 g. 1. Que pode ser financiado.

Funcionário (XVIII, fr.) S. m. 1. Empregado público. 2. Aquele que tem ocupação permanente e retribuída; empregado.

Hidroviário (s.r.) Adj. 1. Relativo à hidrovía. 2. Que se faz por hidrovía

Industriário (XX) S. m. Bras. 1. Empregado de empresa industrial; operário.

Metroviário (s.r.) Adj. 1. Relativo ao metrô. 2 Que se faz pelo metrô. S. m. 3. Funcionário do metrô.

Operário (XVII, lat.) S. m. 1. Trabalhador ou artífice que, mediante salário, exerce uma ocupação manual. 2. Restr. Trabalhador manual ou mecânico nas grandes indústrias. [Cf., nessas acepç., proletário (2).] 3. Fig. Aquele que colabora na realização de uma idéia, plano, campanha ou apostolado. 4. Fig. Autor, artífice.

Portuário (XX) Adj. 1. Relativo a porto. S. m. 2. Indivíduo que trabalha no porto. 3. Funcionário do serviço portuário.

Publicitário (XX, fr.) S. m. 2. Prop. Profissional que exerce em caráter regular funções artísticas ou técnicas pertinentes ao planejamento, concepção e veiculação de mensagens de propaganda.

Rodoviário (XX) Adj. 1. De, ou referente a rodovia. 2. Diz-se de empregado de empresa rodoviária.

Secretário (XV) S. m. 1. Aquele que transcreve as atas das sessões duma assembléia. 2. Aquele que se desincumbe de determinadas redações, que se ocupa da organização e do funcionamento de uma assembléia, de uma sociedade, de um serviço administrativo. 3. Pessoa que no serviço público ou privado tem por função classificar, estenografar, dactilografar, digitar e redigir correspondência (2), classificar documentos, etc.

Securitário (XX) Adj. 1. Concernente a seguros. S. m. 2. Bras. Funcionário de companhia de seguros.

Urbanitário (s.r.) S. m. 1. Diz-se de, ou indivíduo empregado nos serviços urbanos, tais como água e esgoto.

Veterinário (XVI, lat) Adj. 1. Referente à veterinária, ou aos animais irracionais. S. m. 2. Aquele que exerce veterinária; médico veterinário; hipiatro, zoolatra.

GRUPO 3 – AGENTE CIRCUNSTANCIAL

Acionário (1813) Adj. 1. Relativo a ação (13 e 14); acionista. S. m. 2. Acionista.

Adversário (1562, lat) Adj. 1. Que luta contra; que se opõe a. 2. Adverso. S. m. 3. Indivíduo que luta contra; inimigo. 4. Indivíduo que se opõe a; opositor, antagonista. 5. Rival, concorrente.

Concubinário (XV) Adj. S. m. 1. Que ou aquele que tem concubina.

Correligionário (1881) Adj. S. m. 1. Que ou aquele que é da mesma religião, partido, doutrina ou sistema que outrem.

Credenciário (1813) S. m. 1. Aquele que tem a seu cargo a credência (1) e o altar-mor.

Emissário (XVII, lat.) Adj. 1. Que é enviado em missão. S. m. 2. Aquele que é enviado em missão; mensageiro. 3. Bras. Parte de uma rede de esgotos sanitários e/ou pluviais que se destina a conduzir, da galeria final ao local (único) de lançamento, os materiais recolhidos pela rede.

Estagiário (1881) Adj. 1. Relativo a estágio. S. m. 2. Aquele que faz estágio

Estelionatário (1881) S. m. 1. Autor de estelionato.

Expedicionário (1844, fr) Adj. 1. Relativo a expedição. 2. Que faz parte de uma expedição. S. m. 3. Aquele que faz parte de expedição. 4. Bras. Mil. Integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na II Guerra Mundial; pracinha.

Falsário (XVI, lat) S. m. 1. Falsificador de documentos, de moeda, de sinais. 2. Aquele que jura falso, ou falta a juramento ou promessa; perjuro.

Incendiário (XIV, lat) Adj. 1. Que comunica fogo a alguma coisa. 2. Que é próprio para incêndio. 3. Fig. Excitante, animador. S. m. 4. Aquele que incendeia. 5. Fig. Revolucionário (3) exaltado.

Legionário (1813, lat) Adj. 1. Relativo ou pertencente à legião. S. m. 2. Soldado legionário.

Mesário (1864) S. m. 1. Membro da mesa duma corporação, especialmente confraria. 2. Bras. Aquele que faz parte de mesa de seção eleitoral.

Mercenário (XVI, lat) Adj. 1. Que trabalha por soldada ou estipêndio. 2. Que trabalha sem outro interesse que não a paga; interesseiro, venal. 3. P. ext. Que age por interesse financeiro. S. m. 3. Aquele que serve ou trabalha por estipêndio ou interesse. 5. Indivíduo mercenário.

Milionário (s.r.) Adj. S. m. 1. Que, ou aquele que tem milhões, que é riquíssimo.

Missionário (XVII. Adapt. do fr.) S. m. 1. Aquele que missiona; pregador de missões. 2. Propagandista, defensor, propugnador. Adj. 3. Relativo ou pertencente às missões.

Partidário (XVIII) Adj. 1. De, ou relativo a partido (4). 2. Que é membro ou simpatizante de um partido. 3. Que segue uma idéia, uma escola, uma pessoa, etc.; sectário, sequaz. S. m. 4. Membro ou simpatizante de um partido. 5. Aquele que segue uma idéia, uma escola, etc.; sectário, sequaz, adepto, prosélito.

Presidiário (XIX, lat. tardio) Adj. 1. Relativo a, ou que tem natureza de presídio. S. m. 2. Detento condenado a cumprir pena ou a trabalhar num presídio.

Proprietário (XIV, lat. tardio) Adj. S. m. 1. Que ou aquele que tem a propriedade de alguma coisa, que é senhor de bens.

Reacionário (1874) Adj. 1. Relativo à, ou próprio da reação. 2. Que é sectário dela. 3. Aferrado à autoridade constituída; contrário à liberdade; tirano, despótico. S. m. 4. Indivíduo reacionário.

Revolucionário (XIX, fr.) Adj. 1. Relativo à, ou próprio de revolução. 2. Que é adepto da revolução. S. m. 3. Aquele que prega ou lidera revoluções. 4. Indivíduo partidário do progresso; progressista. 5. Introdutor de novos processos artísticos, científicos, etc.; renovador. 6. Aquele que é partidário de renovações políticas, morais ou sociais.

Sectário (XVI, lat.) Adj. 1. Relativo ou pertencente a seita. 2. Fig. Intolerante, intransigente. S. m. 3. Membro de uma seita. 4. Fig. Partidário ferrenho; prosélito. 5. Indivíduo sectário.

Signatário (XIX, adapt. fr.) Adj. S. m. 1. Que ou aquele que assina ou subscreve um documento.

Templário (1813, lat. med.) S. m. 1. Cavaleiro do Templo.

Usuário (1873, lat. Tard.) Adj. 1. Que possui ou desfruta alguma coisa pelo direito de uso; utente. 2. Que serve para o nosso uso. 3. Dizia-se do escravo de quem se tinha o uso, mas não a propriedade. S. m. 4. Aquele que possui ou frui alguma coisa pelo direito de uso; utente. 5. P. ext. Cada um daqueles que usam ou desfrutam alguma coisa coletiva, ligada a um serviço público ou particular; utente.

Universitário (1890, fr.) Adj. 1. Relativo a, ou próprio de universidade. 2. Que leciona ou estuda na universidade. S. m. 3. Professor ou aluno universitário.

Voluntário (XV, lat) Adj. 1. Que age espontaneamente. 2. Derivado da vontade própria; em que não há coação; espontâneo. 3. Bras. RS Diz-se do cavalo que marcha com facilidade, espontaneamente, sem ser preciso fustigá-lo. S. m. 4. Aquele que se alista espontaneamente nas forças armadas. 5. Estudante a quem se permitiu freqüentar uma aula em condições diversas das dos alunos ordinários.

Vigário (XIII, lat.) S. m. 1. Aquele que faz as vezes de outro. 2. Padre que faz as vezes do prelado. 3. Padre que substitui o pároco em uma paróquia. 4. Título do pároco, no uso popular. [Var., ant. e pop., nestas acepç.: vigairo.] 5. Bras. PE Caboje. 6. Bras. MG Pop. Vigarista. 7. Zool. Bras. V. soldado.

GRUPO 4 – OBJETO

Abecedário (XVI, lat. Ecles.) S. m. 1 Alfabeto (2). 2. V. á-bê-cê (1, 2 e 4). adj.

Adagiário (XX) S. m. 1. Coleção ou compêndio de adágios.

Anedotário (XX) S. m. 1. Coleção de anedotas.

Anuário (1858, fr.) S. m. 1. Publicação anual. Anuário astronômico.

Angulário (sem registro (s.r.)). S. m. 1. Instrumento com que se medem ângulos.

Calcário (s.r.). Adj. 1. Que contém cálcio; cálcico. 2. Da natureza da cal. S. m. 3. Designação comum às rochas constituídas essencialmente de carbonato de cálcio; pedra calcária.

Calendário (XIV, lat.). S. m. 1. Folha impressa ou folheto onde se indicam os dias, semanas e meses do ano, as fases da Lua, as festas religiosas e os feriados nacionais. [Cf. agenda (1), almanaque e folhinha (1).] 2. P. ext. Datas prefixadas para a realização de determinados eventos. 3. Cronol. Sistema de divisão do tempo em que se aplica um conjunto de regras baseadas na astronomia e em convenções próprias, capazes de fixar a duração do ano civil e de suas diferentes datas.

Colorário (s.r.). Do esp. colora(d)o.] S. m. 1. Pó vermelho, condimentício, feito de pimentão, urucu, etc.

Comentário (XVI, lat.) S. m. 1. Série de observações com que se esclarece e/ou critica uma produção literária ou científica; anotação, nota. 2. Apreciação ou análise de um fato, de uma situação. 3. Crítica maliciosa. 4. E. Ling. Parte de uma sentença que veicula informação acerca de outro elemento nela presente; rema.

Diário (1774, lat.) Adj. 1. Que se faz ou sucede todos os dias; cotidiano, dial, diurnal. S. m. 2. Relação do que se faz ou sucede em cada dia. 3. Obra em que se registram, diária ou quase diariamente, acontecimentos, impressões, confissões. 4. Jornal que se publica todos os dias. 5. Fam. Despesa diária. 6. Cont. Livro onde se registram, em ordem cronológica, todas as operações contabilizáveis de uma empresa.

Dicionário (XVII, provavelmente do fr.) S. m. Conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua. Obra ou livro que os consigna. [Sin. (pop.), nesta acepç.: desmancha-dúvidas, pai-dos-burros, tira-teimas.] 3. Exemplar de uma dessas obras. 4. Dicionário vivo. [Cf. dicionario, do v. dicionarizar.]

Devocionário (1813, lat.) S. m. 1. Livro de orações. Documentário (XX) Adj. 1. Relativo a documentos. 2. Que tem o valor de documento.

Ementário (1813) S. m. 1. Livro ou caderno de ementas; rol.

Enxertário (s.r.) S. m. 1. Conjunto de cabos do navio que seguram as vergas aos mastros e permitem arriá-las e içá-las.

Erário (XVI, lat.) S. m. 1. V. fazenda (5).

Evangelário (s.r.) S. m. Rel. 1. Livro que encerra fragmentos dos Evangelhos para a missa de cada dia.

Fabulário (XVII, lat.) S. m. 1. Coleção de fábulas

Fichário (XX). S. m. 1. Coleção de fichas catalogadas para fim de informação, documentação, etc. 2. Gaveta, caixa ou móvel onde se guardam fichas, devidamente classificadas. 3. Caderno escolar de folhas móveis, o que permite a classificação dos apontamentos por matéria, tema, etc.

Formulário (XVII, lat.). S. m. 1. Coleção de fórmulas. 2. Modelo impresso de fórmula (2), no qual apenas se preenchem os dados pessoais ou particulares. 3. Inform. Janela (7) ou documento que apresenta informações de forma diagramada, e que possui campos para que o usuário possa introduzir ou modificar informações. [O formulário é esp. us. em programas de bancos de dados e na Web.] 4. Rel. Livro de orações.

Glossário (1813, lat.) S. m. 1. Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; elucidário. 2. Dicionário de termos técnicos, científicos, poéticos, etc. 3. Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas. 4. Léxico de um autor, que figura, em geral, como apêndice a uma edição crítica.

Horário (1813) Adj. 1. Relativo a hora(s). 2. Que se percorre no espaço de uma hora. S.m. 3. Tabela indicativa das horas em que se devem fazer certos serviços. 4. Hora normal, prefixada, de chegada ou partida de um meio de transporte; hora. 5. Bras. Esse transporte, especialmente o trem.

Ideário (s.r.) S. m. 1. Conjunto ou sistema de idéias políticas, sociais, econômicas, etc.

Imaginário (XVI, lat.) Adj. 1. Que só existe na imaginação; ilusório; fantástico. 2. Aquele que faz estátuas ou imagens de santos; santeiro, imagineiro. 3. Aquilo que é obra da imaginação. 4. O conjunto de símbolos e atributos de um povo, ou de determinado grupo social. 5. Mat. Número imaginário.

Instrumentário (s.r.) Adj. 1. ~V. testemunha -a. [Fem.: instrumentária. Cf. instrumentaria, do v. instrumentar.]

Inventário (XIV, lat.) S. m. 1. Relação dos bens deixados por alguém que morreu. 2. P. ext. O documento ou papel em que se acham relacionados tais bens. 3. Lista discriminada, registro, relação, rol de mercadorias, bens, etc. 4. Descrição ou enumeração minuciosa. 5. Com. Levantamento individuado e completo dos bens e valores ativos e passivos duma sociedade mercantil ou de qualquer entidade econômica. 6. Jur. Processo, formado em juízo competente, com o fim de legalizar a transferência do patrimônio do defunto a seus herdeiros e sucessores na proporção exata de seus direitos mediante a partilha.

Itinerário (XVI, lat.) Adj. 1. Concernente ou relativo a caminhos. S. m. 2. Descrição de viagem; roteiro. 3. Caminho que se vai percorrer, ou se percorreu. 4. Caminho, trajeto, percurso.

Lampadário (1813) S. m. 1. Suporte vertical para uma ou mais lâmpadas; candelabro, lucerna, lumeeira. 2. Peça destinada a iluminação, presa ao teto ou a um braço, em geral por meio de correntes, de onde pendem dispositivos para um ou mais focos de luz.

Maquinário (XX) S. m. Bras. 1. Maquinaria (1).

Mostruário (1899, adapt. do cast.) S. m. Bras. 1. Mostrador (4). 2. Pasta, carteira, mala, etc., ou, ainda, simples folha de papelão, etc., em que se possam expor amostras de tecidos, de rendas, ou quaisquer outros artigos à venda. Noticiário (XIX) S. m. 1. Resenha ou conjunto de notícias. 2. Seção de jornal, etc., destinada à publicação de notícias.

Obituário (XIX) Adj. 1. Relativo a óbito. S. m. 2. Registro de óbito(s). 3. Relação de óbitos; mortalidade. 4. Livro onde se registram os óbitos.

Prontuário (XVI, lat.) S. m. 1. Lugar onde se guardam ou depositam coisas das quais se pode necessitar a qualquer instante. 2. Manual de indicações úteis. 3. Bras. Ficha (médica, policial, etc.) com os dados referentes a uma pessoa. 4. Bras. P. ext. Esses antecedentes.

Questionário (1881) S. m. 1. Série de questões ou perguntas. 2. Interrogatório.

Relicário (XIV, lat.) S. m. 1. Recinto especial, ou urna, cofre, caixa, etc., próprio para guardar as relíquias de um santo; osculatório. 2. Abditório. 3. Espécie de bolsinha com relíquia (1) que muitos fiéis trazem ao pescoço. 4. Coisa preciosa, de grande preço e valor.

Refratário (1813, lat.) Adj. 1. Que resiste a certas influências químicas ou físicas. 2. Que pode permanecer em contato com o fogo, ou que suporta calor elevado, sem se alterar. 3. Que recusa submeter-se; desobediente, insubmisso. 4. Imune a certa doença. S. m. 5. Aquele que foge ao cumprimento da lei, especialmente do serviço militar. 6. Material ou produto refratário (1 e 2).

Semanário (XV) Adj. 1. V. semanal. S. m. 2. Camarista que ficava de serviço no paço por uma semana. 3. Publicação semanal; hebdomadário.

Sudário (XIV, lat) S. m. 1. Pano com que outrora se limpava o suor. 2. Véu com que, na Antiguidade, se cobria a cabeça dos mortos. 3. Espécie de lençol para envolver cadáveres; mortalha. 4. Tela que representa o rosto ensangüentado de Cristo. 5. Fig. Exposição (tratando-se de coisas censuráveis). O Santo Sudário. 1. Mortalha de Cristo.

Sumário (XVI, lat.) Adj. 1. Resumido, breve, conciso, sintético. 2. Realizado sem formalidades; simples. S. m. 3. V. Resumo (2). 4. Linhas que, no começo de um capítulo, indicam o assunto nele tratado. 5. Bibliol. Enumeração das principais divisões (capítulo, seções, artigos, etc.) de um documento, na mesma ordem em que a matéria nele se sucede; visa a facilitar visão do conjunto da obra e a localização de suas partes, e, para tanto, deve aparecer no início da publicação e indicar, para cada parte, a paginação (conforme Normas Brasileiras); índice de matéria, índice sinóptico, tábua da matéria.

Utilitário (1874, adapt. do fr.) Adj. 1. Relativo à utilidade. 2. Que tem a utilidade ou interesse, particular ou geral, como fim principal de seus atos. 3. Bras. Diz-se do

veículo automóvel resistente, como o jipe ou a camioneta, em geral de tração elevada, empregado no transporte de mercadorias, sobretudo na zona rural. S. m. 4. Indivíduo utilitário (2). 5. Inform. V. programa utilitário. 6. Bras. Veículo utilitário (3).

Vocabulário (XVIII, lat med.) S. m. 1. O conjunto das palavras de uma língua. 2. O conjunto das palavras em certo estágio de uma língua. 3. O conjunto das palavras especializadas em qualquer campo de conhecimento ou atividade; nomenclatura, terminologia. 4. O conjunto das palavras e expressões conhecidas e/ou empregadas por pessoa(s) de determinada faixa etária, social, etc. 5. O conjunto das palavras usadas por um autor em sua obra, ou em parte dela

GRUPO 5 – ADJETIVO

Acidentário (s.r.) Adj. 1. V. acidental (1). 2. Jur. Relativo à legislação sobre acidentes no trabalho.

Alfabetário (s.r.) Adj. 1. Concernente ao alfabeto.

Alfandegário (1871) Adj. 1. Relativo ou pertencente à alfândega: aduaneiro, alfandegar, alfandegueiro.

Agrário (XVI, lat.) Adj. 1. Relativo à terra. 2. Relativo ou pertencente aos campos e à agricultura; rural.

Agropecuário (XX) Adj. 1. Relativo à agropecuária.

Arbitrário (XVI, lat.) Adj. 1. Que independe de lei ou regra, e só resulta do arbítrio, ou mesmo do capricho de alguém. 2 & [Sin., p. us.: arbitrativo.] 2. Que não respeita lei ou regras, que não aceita restrições; despótico, discricionário. 3. Não necessário; eventual; facultativo.

Ascensionário (s.r.) Adj. 1. Ascendente (1).

Autoritário (1881) Adj. 1. Relativo a autoridade. 2. Que se baseia na autoridade; despótico. 3. Que procura impor-se pela autoridade. 4. Altivo, impositivo, dominador, arrogante. 5. Impetuoso, violento, impulsivo.

Cambiário (s.r.) Adj. 1. Relativo aos títulos cambiais e sua disciplinação jurídica. [Fem.: cambiária. Cf. cambiaria, do v. cambiar.]

Censitário (XX) Adj. 1. Censual. 2. V. censatário. S. m. 3. V. censatário

Contrário (XIII, lat.) Adj. 1. Oposto, contraditório, inverso. 2. Diverso, diferente. 3. Nocivo, prejudicial. 4. Desfavorável, desvantajoso. 5. Que está em contrariedade (5) (q. v.). S. m. 6. Tudo que é oposto. 7. Inimigo, adversário.

Deficitário (XX, fr.) Adj. 1. Que acusa déficit; que apresenta saldo de contas negativo. 2. P. ext. Deficiente, falho.

Diário (1774, lat.) Adj. 1. Que se faz ou sucede todos os dias; cotidiano, dial, diurnal. S. m. 2. Relação do que se faz ou sucede em cada dia. 3. Obra em que se registram, diária ou quase diariamente, acontecimentos, impressões, confissões. 4. Jornal que se publica todos os dias. 5. Fam. Despesa diária. 6. Cont. Livro onde se registram, em ordem cronológica, todas as operações contabilizáveis de uma empresa.

Discricionário (s.r.) Adj. 1. Que procede, ou se exerce, à discricção, sem restrições, sem condições; arbitrário, caprichoso, discricional.

Embrionário (1873, fr.) Adj. 1. Relativo a embrião. 2. Que está em embrião. 3. Fig. Que está em via de formação.

Fracionário (1884) Adj. Em que há fração. [Fem.: fracionária. Cf. fracionaria, do v. fracionar.]

Gregário (s.r.) Adj. 1. Que faz parte de grei ou rebanho; que vive em bando. 2. Gregal. 3. Que induz a viver em bando. 4. Diz-se de soldado raso.

Hereditário (XVI, lat.) Adj. 1. Que se transmite por herança, de pais a filhos ou de ascendentes a descendentes.

Hipotecário (1813) Adj. 1. Relativo a hipoteca. [Fem: hipotecária. Cf. hipotecaria, do v. hipotecar.]

Humanitário (1858, adapt. do fr.) Adj. 1. Que visa ao bem-estar da humanidade. 2. Que ama os seus semelhantes; bondoso, benfeitor, humano. S. m. 3. Aquele

que deseja e trabalha para o bem da humanidade, considerada coletivamente; filantropo.

Imobiliário (1890) Adj. 1. Pertencente ou relativo a imóvel ou edificações; predial. 2. Diz-se dos bens que são imóveis por natureza ou por disposição de lei.

Intermediário (1831, fr.) Adj. 1. Que está de permeio; interposto, intermédio. S. m. 2. V. mediador. 3. Agente de negócios; corretor. 4. Negociante que exerce suas atividades colocando-se entre o produtor e o consumidor; atravessador. 5. Quím. Produto intermediário (q. v.).

Judiciário (XVI, lat.) Adj. 1. Relativo ao direito processual ou à organização da justiça; judicial. [Fem.: judiciária. Cf. judiciaria, do v. judiciar.]. 2. O poder judiciário.

Legendário (1859, fr.) Adj. 1. Relativo a legendas. 2. Lendário (1 e 2). S. m. 3. Coleção de legendas. 4. Autor de legendas.

Lendário (1899) Adj. 1. Que tem o caráter de lenda. 2. Relativo a lenda. S. m. 3. Bras. Conjunto de lendas.

Literário (XVI, lat.) Adj. 1. Respeitante a letras, à literatura ou a qualquer espécie de cultura adquirida pelo estudo ou pela leitura.

Majoritário (XX, fr.) Adj. Bras. 1. Relativo ou pertencente à maioria. 2. Que conta com a maioria dos eleitores.

Mercenário (XVI, lat.) Adj. 1. Que trabalha por soldada ou estipêndio. 2. Que trabalha sem outro interesse que não a paga; interesseiro, venal. 3. P. ext. Que age por interesse financeiro. S. m. 3. Aquele que serve ou trabalha por estipêndio ou interesse. 5. Indivíduo mercenário (3).

Monetário (1873, fr.) Adj. 1. Relativo à moeda. S. m. 2. Coleção de moedas. 3. Livro onde se reproduzem e descrevem moedas. 4. Desus. Numismata.

Necessário (XIII, lat.) Adj. 1. Que não se pode dispensar; que se impõe; essencial, indispensável. 2. Que não pode deixar de ser; forçoso, inevitável, fatal. 3. Que deve ser feito, cumprido; que se requer; preciso. 4. Lóg. Diz-se de proposição que sendo verdadeira não poderia ser falsa, e sendo falsa não poderia ser verdadeira. 5. Filos. Diz-se do que se põe por si mesmo e imediatamente, quer no domínio do pensamento, quer no domínio do ser. [Opõe-se, nesta acepç., a contingente (3).] 6. Filos. Diz-se daquilo que, dados determinados antecedentes, não pode ser, ou só pode ser, tal como é.

Nobiliário (1813) Adj. 1. Relativo à nobreza. S. m. 2. Nobiliarquia.

Ordinário (XIV, lat.) Adj. 1. Que está na ordem usual das coisas; habitual, useiro, comum. 2. Regular, periódico, costumado, freqüente. 3. De má qualidade; inferior. 4. De baixa condição; baixo, grosseiro; mal-educado. 5. Medíocre, vulgar. 6. Bras. Sem caráter; reles, ruim.

Originário (1813, lat. med.) Adj. 1. Proveniente, oriundo. 2. Que provém por geração; descendente. 3. Que se conserva desde a origem; primitivo.

Perdulário (XVIII) Adj. S. m. 1. Que, ou aquele que gasta em excesso; dissipador, esbanjador, gastador; extravagante.

Precário (XVIII, lat.) Adj. 1. Difícil, minguado, estreito. 2. Escasso, raro, pouco, insuficiente. 3. Incerto, vário, contingente; inconsistente. 4. Pouco durável; insustentável. 5. Delicado, débil.

Primário (XVIII, lat.) Adj. 1. Que antecede outro; primeiro. 2. Elementar, rudimentar, primeiro. 3. Diz-se da instrução ou ensino de nível elementar, e do curso ou do estabelecimento em que se ministra essa instrução. 4. Que leciona no curso primário. 5. Destinado ao curso primário.

Prioritário (XX) Adj. 1. Que tem prioridade.

Refratário (1813, lat.) Adj. 1. Que resiste a certas influências químicas ou físicas. 2. Que pode permanecer em contato com o fogo, ou que suporta calor elevado, sem se alterar. 3. Que recusa submeter-se; desobediente, insubmisso. 4. Imune a certa doença. S. m. 5. Aquele que foge ao cumprimento da lei, especialmente do serviço militar. 6. Material ou produto refratário.

Sanitário (1844, fr.) Adj. 1. Relativo à saúde ou à higiene. 2. Relativo a, ou próprio de banheiro.

Solidário (1844, fr.) Adj. 1. Que responsabiliza cada um de muitos devedores pelo pagamento total de uma dívida. 2. Que concede a cada um de vários credores o direito de receber a totalidade da dívida. 3. P. ext. Que se encontra ligado por um ato solidário (1 e 2). 4. Diz-se daqueles que têm responsabilidade ou interesse recíproco. 5. Aderido a causa, empresa, opinião, etc., de outro(s). 6. Que partilha o sofrimento alheio, ou se propõe mitigá-lo.

Solitário (XIV, lat.) Adj. 1. Desacompanhado, isolado. 2. Que decorre em solidão. 3. Que gosta de estar só; que se sente impelido à solidão. 4. Que não se adapta à sociedade; misantrópico. 5. Que não convive com seus semelhantes. 6. Situado em lugar ermo, despovoado.

Temerário (XV, lat.) Adj. 1. Arriscado, imprudente, perigoso. 2. Arrojado, audacioso, atrevido; precipitado. 3. Que indica ou implica temeridade. 4. Sem fundamento, sem base; infundado.

Temporário (XVI, lat.) Adj. 1. Que dura algum tempo; transitório, temporâneo. 2. Provisório, interino, temporâneo.

Tributário (XIV, lat.) Adj. 1. Que paga tributo, que é sujeito a pagá-lo; contribuinte. S. m. 2. Aquele que é tributário (1). 3. Afluente (4).

Unitário (1858, fr.) Adj. 1. Da unidade, ou relativo a ela. 2. Relativo à unidade política de um país. S. m. 3. Sectário do unitarismo. 4. Partidário da unidade, da centralização, em política.

Uvário (s. r.) Adj. Bot. 1. Que se compõe de pequenos grãos globulosos como da uva.

Viário (1899, lat.) Adj. 1. Referente a viação (1). S. m. 2. O leito da via férrea. 3. O espaço ocupado por ela.

GRUPO 6 – BENEFICIÁRIO

Adjudicatário (1844) S. m. Jur. 1. Aquele a quem alguma coisa é adjudicada.

Alimentário (s. r.) S. m. Jur. 1. Alimentando.

Alugatário (s. r.) S. m. 1. Indivíduo que reside em local que tomou por aluguel; inquilino, locatário.

Arrendatário (1773) S. m. 1. Aquele que toma de arrendamento.

Beneficiário (1844, lat.) Adj. 1. Diz-se daquele que recebe ou usufrui benefício ou vantagem; beneficiado, favorecido. S. m. 2. Aquele que recebe ou usufrui um benefício ou vantagem; beneficiado, favorecido.

Comendatário (1813, lat.) Adj. 1. Que usufrui comenda. S. m. 2. Aquele que concede comenda.

Comodatário (XVII) S. m. Jur. 1. Aquele que recebe uma coisa em comodato.

Consignatário (1813) S. m. 1. Aquele a quem se consignam mercadorias. 2. Aquele que recebe em consignação o equivalente do que lhe é devido.

Depositário (XVI, lat.) S. m. 1. Aquele que recebe em depósito. 2. Fig. Confidente.

Destinatário (XIX, provavelmente do fr.) S. m. 1. Aquele a quem se destina ou remete alguma coisa. 2. Teor. Inf. Elemento terminal de um sistema de comunicação.

Donatário (XV, lat. med.) S. m. 1. Senhor de uma donataria. 2. P. ext. Indivíduo que recebeu uma doação.

Indultário (s. r.) Adj. 1. Que goza de indulto.

Legatário (1813, lat.) S. m. 1. Aquele a quem se deixou um legado; herdeiro testamentário.

Locatário (1757, lat.) S. m. 1. Aquele que se obrigou, no contrato de locação (verbal ou escrito), a receber a coisa alugada ou a prestação de serviços; alugador, inquilino; locandei-ro.

Mandatário (1813, fr.) S. m. 1. Aquele que recebe mandato. 2. Executor de ordens ou mandatos. 3. Representante, procurador, delegado.

Mutuário (XVII, lat.) S. m. 1. Aquele que recebe por empréstimo qualquer coisa fungível.

Testamentário (XV, lat.) Adj. 1. V. testamental. ~ V. carta -a, cédula -a, herdeiro - e sucessão -a.

Usufrutuário (1813) Adj. 1. Relativo a usufruto. 2. Que usufrui; desfrutador. S. m. 3. Aquele que usufrui; desfrutador.

GRUPO 7 – CLASSIFICADOR ZOOLOGICO

Actiniário (1909, lat. cient.) S. m. 1. Espécime dos actiniários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Actinozoário (1871) S. m. Adj. Zool. 1. Antozoário.

Aerozoário (1899) Adj. S. m. Zool. 1. Diz-se de, ou animal que não pode viver sem ar.

Alcionário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos alcionários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Amastozoário (s. r.) S. m. Zool. 1. Animal vertebrado que não tem mamas.

Anisomiário (s. r.) S. m. Zool. 1. Molusco pelecípode com dois músculos adutores desiguais, sendo o anterior maior que o posterior; heteromiário.

Anostezoário (s. r.) Adj. S. m. Zool. 1. Diz-se de, ou animal desprovido de ossos.

Antipatário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos antipatários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Antozoário (1871) Zool. S. m. 1. Espécime dos antozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Blatário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos blatários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Briozoário (1881) Zool. S. m. 1. Espécime dos briozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Campanulário (s. r.) Zool. S. f. 1. Espécime das leptomedusas. [Sin.: caliptoblasto, campanulário.]

Ceriantário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos ceriantários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Cestodário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos cestodários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Cifozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos cifozoários; cifomedusa. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Citozoário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. Animal citozóico.

Cnidário (XX, fr.) S. m. Adj. Zool. 1. V. celenterado.

Coraliário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. antozoário.

Coralimorfário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos coralimorfários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Ctenário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. Ctenóforo.

Dimiário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos dimiários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Ectozoário (1899) Adj. Zool. 1. Diz-se de animal parasito que vive sobre a pele do homem e doutros animais. S. m. 2. Esse animal.

Eleuterozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos eleuterozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Enterozoário (1899) S. m. Zool. 1. V. entozoário.

Entomozoário (1873) S. m. 1. Espécime dos entomozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Entozoário (s. r.) S. m. Zool. 1. Designação comum a organismos que parasitam o interior do corpo de seu hospedeiro; enterozoário.

Espondilozoário (s. r.) S. m. Zool. 1. Animal provido de coluna vertebral.

Fitozoário (1873) S. m. Zool. 1. Diz-se de, ou animal metazoário desprovido de simetria ou daquele provido de simetria radial ou axial.

Gastrozoário (XX) S. m. Zool. 1. Animal em que é predominante o sistema digestivo.

Heliozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos heliozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Hematozoário (1873) Zool. Adj. 1. Diz-se dos protozoários que parasitam o sangue de animais, como os hemococídios e os hemoflagelados. S. m. 2. Indivíduo hematozoário.

Heteromiário (s. r.) S. m. Zool. 1. Anisomiário.

Hexacoralário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. zoantário.

Hidrário (s. r.) Zool. S. m. 1. Antomedusa. Adj. 2. Antomedúseo.

Hidrozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos hidrozoários; hidromedusa. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Madreporário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos madreporários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Meromiário (s. r.) Zool. 1. Diz-se de vermes nematódeos que apresentam as células musculares (mioblastos) achatadas.

Merozoário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. eucestódeo.

Mesozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos mesozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Metazoário (1899) S. m. Zool. 1. Espécime dos metazoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Micetozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos micetozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Microzoário (1873) S. m. Zool. 1. Animálculo que só pode ser visto com a ajuda do microscópio.

Mizostomário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos mizostomários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Monozoário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. cestodário.

Morfozoário (1890) S. m. Zool. 1. Qualquer animal que apresenta forma nitidamente determinada, em oposição aos que apresentam forma variável e/ou incerta.

Octocoraliário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. alcionário.

Ootecário (s. r.) S. m. Zool. 1. Diz-se de, ou inseto dotado de ooteca.

Parazoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos parazoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Pelmatozoário (s. r.) Paleont. Zool. S. m. 1. Espécime dos pelmatozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Perlário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1. V. plecóptero.

Polizoário (s. r.) S. m. Adj. Zool. 1.V. Eucestódeo. 2. V. briozoário.

Protozoário (1873) Zool. S. m. 1. Espécime dos protozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Radiolário (1899, lat. Cient.) Zool. S. m. 1. Espécime dos radiolários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Trocozoário (s. r.) Zool. S. m. 1. Espécime dos trocozoários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Zoantário (1874) Zool. S. m. 1. Espécime dos zoantários. Adj. 2. Pertencente ou relativo a eles.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)